

IAB RS 70 ANOS

1948 - 2018

Redação e edição: Sabrina Ortácio
Capa e Projeto Gráfico: Tramacidade
(Bruno Paz e Kim Ritter Veit)
Pesquisa: Rafael Passos
Revisão: Caroline Ferrari

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Rafael Passos - Presidente do IAB RS 05

CAPÍTULO 1

ANOS 40 E 50

1948 - O começo da História do IAB no RS 07

Fundação da FAU/UFRGS em 1958 10

A Arquitetura Moderna e a atuação do IAB RS 19

II Congresso Brasileiro de Arquitetura em Porto Alegre 22

Presidente Emil Bered e sua trajetória na arquitetura modernista 26

CAPÍTULO 2

ANOS CHUMBO - 60 E 70

A Ditadura Militar e o Ensino da Arquitetura 29

A primeira sede do IAB e sua ligação com a cultura 31

A trajetória de Telmo Magadan no IAB 35

CAPÍTULO 3

ANOS 80 E 90 - A RETOMADA CULTURAL

Muito mais que um bar 39

Carlos Maximiliano Fayet

Um dos nomes mais atuantes nas entidades de Arquitetura 48

O Prêmio IAB - Por Danilo Landó 51

CAPÍTULO 4

SÉCULO XXI

O Solar Conde de Porto Alegre - Um espaço para a cultura 53

Fórum Social Mundial - Por Iran Rosa 58

Essa foi fácil - Por Tiago Holzmann 62

CAPÍTULO 5

Gestão 2017/2019 - Cidade e Movimento 66

Núcleos no interior do Estado 68

APRESENTAÇÃO

IAB 70 ANOS- POR RAFAEL PASSOS

A fim de marcar a passagem dos 70 anos do IAB no Rio Grande do Sul nos propusemos a realizar uma publicação que resgatas-se a história da entidade nas suas primeiras sete décadas de dedicação à arquitetura, ao urbanismo, às cidades e à cultura. Buscamos estrutura-la a partir de períodos históricos atinentes à vida do país e da própria entidade. Guiamo-nos pela memória daqueles que lideraram a entidade, e pelos que seguem a participar do IAB para tecer a trama de algumas das memórias e histórias entre tantas que poderiam ser contadas.

O IAB RS foi fundado em 19 de março de 1948, durante um dos breves períodos democráticos do país durante o Século XX. É o quarto departamento mais antigo no país, e a primeira entidade exclusiva de arquitetos no Rio Grande do Sul. Desde sua criação buscou a o aprimoramento da formação profissional, através de sua participação na luta pela criação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1952); pelo desenvolvimento da arquitetura modernista, e pelo planejamento urbano e o urbanismo no Rio Grande do Sul.

Por sua trajetória, consolidou-se também como uma entidade que não se omite ante às grandes questões da vida cultural, social e política do país, a partir da compreensão de que a arquitetura e urbanismo não está isolada destas condicionantes, pelo contrário, é afetada diretamente por elas. Foi assim durante os 21 anos de Ditadura Militar, na luta pela redemocratização do país, na constituição do Conselho de Arquitetura e Urbanismo, o CAU, na construção do Solar do IAB.

A intenção é reunir algumas destas histórias, talvez nem sejam as mais importantes, mas apenas sejam as mais representativas de uma história em construção, do presente que vive-

mos e do futuro que se desvela.

O velho Bar do IAB teve um papel muito importante para a retomada cultural em um ambiente democrático, após anos de censura imposta pelo Regime Militar. Atualmente nos vemos diante de fatos que trazem de volta esta ameaça ao livre pensamento. Por outro lado, a retomada do Bar do IAB, com outra cara - afinal são também outros tempos - mas com um espírito semelhante, é um exemplo dessa construção, uma espécie de espiral ascendente que se opõe àquelas descendentes que o pensamento autoritário busca nos impor.

É também uma representação de um novo passo pela conservação da história da entidade. Ante o desafio de desenvolvê-la nos colocamos a frente de um farto acervo histórico o qual não contava com uma organização capaz de viabilizar uma pesquisa documental no tempo possível à sua realização. Buscamos então uma parceria com o CAU/RS e com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para o devido tratamento ao acervo e à biblioteca do IAB RS. Através do trabalho supervisionado pela colega e professora do curso de Museologia, Arq. e Urb. Jennifer Cuty, em breve nosso acervo estará devidamente acessível à comunidade de modo presencial e virtual.

É também a uma de agradecimento a todos os que contribuíram com o IAB RS durante os seus 70 anos, bem como um instrumento para orientar os caminhos daqueles que atuam hoje e dos que virão a construir o IAB amanhã.

CAPÍTULO 1

ANOS 40 E 50

1948- O COMEÇO DE UMA NOVA HISTÓRIA DA ARQUITETURA E URBANISMO NO RIO GRANDE DO SUL

O Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento do Rio Grande do Sul (IAB RS) foi fundado em 19 de março de 1948 e vem, desde sua fundação, contribuindo para o desenvolvimento da formação e da prática da arquitetura e urbanismo no Estado. Sua primeira reunião foi realizada no dia 19 de fevereiro de 1948, na Biblioteca do Instituto de Belas Artes no do Rio Grande do Sul, sob a presidência do professor Tasso Corrêa, e contou com a presença de Eduardo Corona, como representante do Conselho Diretor Nacional do Instituto dos Arquitetos do Brasil.

Corona, em sua participação na reunião, informou aos profissionais presentes que Porto Alegre sediaria o II Congresso Brasileiro de Arquitetos, realizado entre 20 e 27 de novembro de 1948. Foram realizadas novas reuniões nos dias 24 de fevereiro e 4 de março, já sob presidência do arquiteto Ernani Dias Corrêa.

Nos encontros colocou-se em pauta: convocar a classe para a fundação do Departamento Estadual do Instituto de Arquitetos do Brasil, solicitar ao IAB Nacional os estatutos e os esclarecimentos e orientações necessárias sobre como proceder esta fundação, além de solicitar instruções sobre o II Congresso Nacional Brasileiro de Arquitetos. A eleição para a composição da Comissão Diretora do IAB RS ocorreu em 19 de março de 1948, com a eleição de Ernani Dias Corrêa para presidente, Edgar Graeff e Carlos Bube dos Santos para primeiro e segundo secretários e Max Schlüpmann para tesoureiro. Participaram da sessão de fundação, Ernani Corrêa, Eugenio Steinhof, Carlos Bube dos Santos, Romeu Amaral, Carlos Alberto Mendonça, Max

Hermann Schlüpman, Edgar Graeff, Egon Weindorfer e Edvaldo Pereira Paiva.

Para Demétrio Ribeiro,

[...] três fatores podem ser lembrados no processo de promoção da arquitetura no Rio Grande do Sul, que tomava a forma de promoção da arquitetura moderna: projetos vindos de fora, fundação do ensino da arquitetura no Estado e fundação do departamento local do Instituto dos Arquitetos de Brasil. (RIBEIRO, ANO, p11.)

Mas, a realização do II Congresso Brasileiro de Arquitetos se deu, conforme declarou Eduardo Corona (1948), pelo fato da capital gaúcha necessitar de "um impulso e um esclarecimento no que se refere ao aspecto arquitetônico. Porto Alegre neste particular está atrasadíssima. É uma cidade em câmara lenta. Tudo chega em último lugar", declaração concedida em entrevista ao Correio do Povo, na edição de 26 de outubro de 1948.

O arquiteto e urbanista Cícero Alvarez, ex-secretário do IAB RS, lembra que em agosto de 1948, os estudantes do Instituto de Belas Artes da URGs criaram a versão gaúcha da revista Ante-Projeto, dedicada ao II Congresso Brasileiro de Arquitetos, com a direção composta por Edgar Graeff, Francisco Riopardense de Macedo, Jorge Siritto, Luiz Fernando Corona, Marcos Jaimovish e Nelson Souza. A partir do segundo número, a revista foi rebatizada de Espaço, tendo a comissão editorial formada por Carlos Fayet, Enilda Ribeiro, Nelson Souza, Jorge Siritto e Luiz Fernando Corona.

A revista Espaço, em seu terceiro número, foi responsável pelo registro da vinda de Oscar Niemeyer a Porto Alegre, como paraninfo da primeira turma de urbanistas do Instituto de Belas Artes (IBA), em abril de 1949, pelo registro das decisões do II Congresso de Arquitetos e pelo início da luta dos estudantes por uma Faculdade de Arquitetura autônoma. Em sua quarta e última edição, de sua primeira fase, registrou os cinco anos do curso do IBA e os primeiros arquitetos formados no Rio Grande do Sul, em 1949.

Nos anos 50, o Departamento do IAB no Rio Grande do Sul, sob a presidência de Max Hermann Schlüpman, passou a discutir e demandar uma solução para o problema do ensino da Arquitetura no RS, com a gestão da criação de uma faculdade de arquitetura e urbanismo. Também em 1950, no mês de abril, o presidente do IAB RS enviou uma carta ao presidente Eurico Gaspar Dutra solicitando a criação da carreira funcional de arquiteto na função pública federal e paraestatal.

Max Schlüpman designou Tasso Corrêa ao IAB - Direção Nacional para objetivar um movimento em caráter nacional que tinha como principais metas a uniformidade do título de arquiteto, a criação da carreira na função pública e a transformação em Faculdade Nacional de Arquitetura dos diversos cursos existentes até então e também a campanha em prol da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul, o que se concretizou em 1952.

A Faculdade de Arquitetura foi criada em 1952, a partir da fusão dos cursos de arquitetura então existentes na Escola de Engenharia e no Instituto de Belas Artes. Nascida do impulso destas demandas do IAB RS junto ao Ministério da Educação e Cultura e Governo Federal e também da mobilização estudantil, a Faculdade de Arquitetura da UFRGS, Universidade federalizada também nos anos 50, é uma das mais antigas e qualificadas instituições de ensino de arquitetura e urbanismo do Brasil.

A FUNDAÇÃO DA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFRGS

Não tem como falarmos sobre a fundação do Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento do Rio Grande do Sul (IAB RS), sem destacar a história da criação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As histórias e seus personagens estão entrelaçados, como podemos conferir no capítulo "Formação" da dissertação "Demétrio Ribeiro e Julinho - Um projeto no caminho ideário" (UniRitter/2018) escrita pelo arquiteto e urbanista Rodrigo Troyano, que gentilmente nos cedeu o conteúdo de sua pesquisa, para contribuir com a história desta entidade.

Conforme relata Troyano (2018), o conservadorismo da engenharia civil de Porto Alegre teve relação direta com o ensino de arquitetura no Estado. Sobre a engenharia civil de Porto Alegre no início dos anos 40, o arquiteto Demétrio Ribeiro relatou:

[...] essa corporação não sentia qualquer necessidade de que se ensinasse Arquitetura no Rio Grande do Sul. Quando necessário, os Engenheiros Civis recorriam a Arquitetos locais ou desenhistas, pagando 2% do orçamento pelo seu trabalho, mantido em geral no anonimato. Considerando a questão dos cursos novos a serem criados, a Congregação da Escola de Engenharia, em 1945, descartou a ideia da Arquitetura, preferindo Minas e Metalurgia.¹

Pois, ainda em 1945, Tasso Corrêa, diretor do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, estabelecimento que naquela época não recebia amparo financeiro público, decidiu fundar um curso de Arquitetura. A ideia de Tasso foi considerada audaciosa, basta ver que antecedeu a transformação do curso de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (ENBA), na Faculdade Nacional de Arquitetura, mas contou com o apoio inicial de protagonistas do campo local, como o arquiteto autodidata Fernando Corona, e do arquiteto Ernani Dias Corrêa, irmão de Tasso, formado no curso de arquitetura do ENBA.

Também em 1945, Lucio Costa escreveu o artigo "Considerações sobre o ensino da arquitetura", na revista do Diretório Acadêmica da Escola Nacional de Belas Artes. O texto já tratava da criação da Faculdade Nacional de Arquitetura e era claramente uma proposta de adoção da linha moderna pelos novos estudantes. O curso de Tasso Corrêa, iniciado com 25 alunos, adotou a arquitetura moderna, a arquitetura como arte, apregoada por Lucio Costa na Faculdade Nacional de Arquitetura, no Rio de Janeiro:

Precisamos de muitos arquitetos, mas arquitetos que tenham bem formada sua educação artística. O arquiteto é metade um técnico, metade um artista. E artista de verdade. Sua formação, pois, deve ser feita num ambiente apropriado onde possa cultivar as qualidades as escolas de arquitetura funcionam, em todo o mundo, ou em organizações autônomas e especializadas ou como parte integrante das escolas de belas artes. Não sendo um curso puramente técnico, só deverá procurar ser arquiteto quem tiver decidida vocação, e essa vocação deve encontrar o meio próprio. Do contrário, nunca teríamos arquitetos na verdadeira acepção do termo e sim engenheiros construtores.²

A chegada de Demétrio Ribeiro, formado pela Universidade da República Oriental do Uruguai, em Porto Alegre no ano de 1945, está imbricada com o novo curso do Instituto de Belas Artes (IBA) e com o ensino de arquitetura.

Eu não trouxe bagagem nenhuma, eu vim como um arquiteto formado, um arquiteto comum. Eu não estava aqui com a intenção de [...] quando eu cheguei aqui nem vinha para lecionar, vim para trabalhar. Depois fundaram o curso, me convidaram, estás entendendo como é?³

Tasso convidou Demétrio Ribeiro para integrar o corpo docente do seu curso de arquitetura. O arquiteto recém-chegado aceitou e assumiu como catedrático as cadeiras de Teoria da

Seminário Grandes Composições com o Arquiteto Maurício Cravotto, julho de 1948. Segundo o Professor Doutor em História da Arte Círio Simon, aparecem na foto: 2 - Jorge Sírto de Vives 4ª série Arq ; 3 - Mário José Corrêa 3ª série Arq 4 - Sérgio Corrêa 1ª série Urb; 5 - Nelly Peixoto Martins 1ª série Urb; 6 - Demétrio Ribeiro Neto Prof. Composições de Arquitetura; 7 - Enilda Ribeiro 3ª série Arq 8 - Jaime Luna dos Santos 3ª série Arq; 9 - Alfredo Labutte 3ª série Arq; 10 - Moacyr Zamora 3ª série Arq; 11 - Edgar Graeff Prof de Composições de Arquitetura; 12 - Luis Lampert Gaertner 3ª série Arq; 25 - Benito Castañeda Prof. De Denho e Pintura; 26 - Luis Ubatuba de Farias Prof. Física Aplicada; 27 Evaldo de Paiva Prof de Urbanismo; 29 -Eugênio Steinhoff Prof da Escola de Engenharia da URGs; 30 -Tasso Bolívar Dias Correa Diretor do IBA-RS;

Crédito: Arquivo do AGIA-UFRGS



Arquitetura (2º ano), Composições de Arquitetura (2º e 3º anos) e Grandes Composições de Arquitetura (4º e 5º anos), cadeira inicialmente assumida por Jorge Machado Moreira, que, por encontrar melhores oportunidades no Rio de Janeiro, decidiu não assumir.

A cadeira de Teoria da Arquitetura, ministrada durante o segundo ano do curso, deixava explícita às relações com a arte, propostas por Lucio Costa para a Faculdade Nacional de Arquitetura do RJ. Apresentava, além das relações diretas com arquitetura, como composição, funcionalidade, materiais, estrutura, questões próprias do campo das artes, como pintura, escultura, cerâmica, música, poesia, balé e cinema.

A Escola de Engenharia, como forma reativa ao IBA, decidiu criar também um curso de Engenheiros-Arquitetos. Com um currículo tecnicista, baseado no curso similar da Escola Politécnica de São Paulo, com matérias como petrografia.

De modo a contrapor o curso do IBA, que recebeu apoio ostensivo da corrente moderna brasileira, os organizadores do curso rival procuraram incluir também um nome de prestígio internacional no seu corpo docente. Foi contratado, portanto, o professor Eugene Steinhof.

Natural da Áustria, Steinhof transferiu-se na década de vinte para Paris, naturalizando-se francês e integrando-se à corrente parisiense de modernização das artes. Com o antisemitismo crescendo na Europa, migrou para os Estados Unidos nos anos 1930, onde também naturalizou-se norte-americano.

O curso de engenharia com Steinhof ganhava um *"importante enfoque artístico da arquitetura, com valorização da criatividade e capacidade de expressão."*⁴ Isso colocava em xeque a ideia de que a Engenharia seria conservadora e tecnicista, ao menos não era assim no atelier de Steinhof, considerado fundamental na estrutura do curso.

Demetrio Ribeiro sinalizou a polaridade em tempos de Guerra Fria, relatando que Steinhof, ao integrar-se aos arquitetos-engenheiros da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aumentou a rivalidade entre os dois cursos, pois no IBA, havia comunistas notórios e na Engenharia, um professor norte-americano.⁵

Os ideais progressistas dos "notórios comunistas" do IBA, em especial os professores Demetrio Ribeiro, Edvaldo Pereira Paiva e Edgar Graeff, apareceram de forma humorada em nota que apresentou o ponto de vista dos alunos do curso intensivo ministrado por Mauricio Cravotto, em julho de 1948. A nota deixava claro o rechaço dos estudantes do IBA às visões consideradas conservadoras. Ansiosos pelos ideais modernos, em especial, os advindos da escola carioca, os alunos publicaram o seguinte texto, na Revista Anteprojeto de agosto de 1948:

Entre o 6º e o 2º aconteceu o Curso de Férias do Prof. Cravotto. Ótimo curso, apesar dos choques entre os alunos (que buscam o futuro) e o mestre (que insiste em ver carruagens brilhantes sobre os trilhos da "Carris"). O Macedo deu pulos, quando o professor afirmou que a vida é a vida dos maloqueiros e o Corona (inho) bufava, quando vinham ataques a Niemeyer e Le Corbusier. Diz que o Kruchinsky desenhou um lago em forma de ameba; o mestre disse que "pode ser, por que no!" mas que aquilo parecia um "bidé"; o herói riscou um lago circular e o Sirito impugnou: "Parece um... vaso noturno." De fato, Sirito não foi delicado; disse outra palavra e não "vaso noturno".⁶

A disputa entre cursos de arquitetura se acirrou quando, em 1948, a Lei Estadual nº418 propôs a fusão dos dois cursos. Uma lei anterior, de nº413, reincorporou o IBA à Universidade do Rio Grande do Sul e determinou, também, que ambos os cursos de arquitetura agora existentes na mesma universidade deveriam ser fundidos.

Criada a lei, uma comissão especial foi montada pelo reitor da Universidade, Alexandre Martins da Rosa, para estruturar a fusão. Representando o IBA, os professores arquitetos Demetrio Ribeiro e Ernani Dias Corrêa e o professor engenheiro Fernando de Azevedo Moura. Representando a Escola de Engenharia, os professores engenheiros João Baptista Pianca, Lelis Espartel e Duilio Bernardi. Como presidente da comissão, o engenheiro Leovegildo Paiva, professor da Escola de Engenharia. Demetrio Ribeiro falou assim sobre o presidente da co-



CORONA - CURSO de ARQUITETURA do IBA-RS: MODELAGEM. e de MAQUETES
Documentário fotográfico 1947-1951

missão: "Sua proverbial franqueza poderia servir de base para um relato sem retoques de todas as dificuldades encontradas pela criação do ensino da Arquitetura no Estado".⁷

A comissão aprovou a criação de uma Faculdade de Arquitetura, federalizada, independente do Instituto de Belas Artes e da Faculdade de Engenharia. Porém, o conselho universitário rejeitou a ideia e votou a favor de um Instituto de Arquitetura anexo à Escola de Engenharia. Os estudantes do IBA decidiram entrar na briga e lançaram na imprensa, em 26 de março, no Jornal Correio do Povo, o movimento Por Uma Faculdade de Arquitetura, o PUFA.⁸

*O movimento PUFA participou combativamente da criação da Faculdade de Arquitetura. Organizou passeatas, reuniões, distribuição de cartazes, notas para os jornais, ofícios a todas as faculdades de Arquitetura. Enviou representantes para atuarem juntos aos deputados e autoridades no Rio de Janeiro. Recebeu também a solidariedade de diversas entidades, dando-a respaldo e credibilidade.*⁹

Como estudantes engajados ao PUFA aparecem: Paulo Vallandro, Luiz Radomski, Vera Fabrício, Ari Canarim, Jerson Hoyer, Carlos Fayet, Enilda Ribeiro, Aldrovando Guerra, Zeno Maraninchi da Silva, Afrânio Loureiro, e Ruben Pilla. No ano de 1950, a Lei 1.254 de 4 de dezembro, federalizou a Universidade do Rio Grande do Sul "A criação da Faculdade de Arquitetura foi ato extraordinário", decorrência de uma longa disputa onde "venceu a tese de criação de uma Faculdade de Arquitetura, defendida pelo IBA".

Dois anos depois, em 1952, formou-se a primeira turma de alunos dentro da nova Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Uma turma mesclada, com alunos que vieram do antigo curso da Engenharia e os que vieram do antigo curso do IBA. Como parainfo, Demetrio Ribeiro.

- 1 RIBEIRO, Demetrio. Um depoimento sobre a criação, por Tasso Corrêa, do ensino da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] *Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias*. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p.23-24.
- 2 Tasso Corrêa, em 31 de dezembro de 1944, no jornal *Correio do Povo*. In: MELLO, Bruno Cesar Euphrasio de. *O urbanismo dos arquitetos: genealogia de uma experiência de ensino*. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano Regional) UFRGS, Porto Alegre, 2016. p.91.
- 3 RIBEIRO, Demetrio. Entrevista ao arquiteto Udo Mohr. Porto Alegre, 02 de outubro de 2000.
- 4 Demetrio Ribeiro chama de "virada de 180°" o fato de a Escola de Engenharia prescindir da criação do curso de arquitetura no início de 1945 e, após a aprovação do curso do IBA, no mesmo ano, decidir montá-lo. RIBEIRO, Demetrio. Um depoimento sobre a criação, por Tasso Corrêa, do ensino da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] *Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias*. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p.25.
- 5 "Steinhof dizia pretender fazer em Porto Alegre o Curso de Arquitetura dos seus sonhos. Numa primeira fase, a direção da Escola de Engenharia parecia dar-lhe carta branca e permitiu que fizesse experiências valiosas. O desenrolar da rivalidade dos dois cursos perante a burocracia federal resultou, porém, na adoção do currículo padrão de Arquitetura também pela Escola de Engenharia, o que tornava impossível a continuação da experiência de Steinhof. Retornou desiludido aos EUA, vindo a falecer pouco depois". RIBEIRO, Demetrio. Um depoimento sobre a criação, por Tasso Corrêa, do ensino da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] *Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias*. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p.25.
- 6 MELLO, Bruno Cesar Euphrasio de. *O urbanismo dos arquitetos: genealogia de uma experiência de ensino*. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano Regional) UFRGS, Porto Alegre, 2016. p.135.
- 7 RIBEIRO, Demetrio. Um depoimento sobre a criação, por Tasso Corrêa, do ensino da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] *Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias*. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p.25.
- 8 RIBEIRO, Enilda; CARVALHO, Vera Fabrício. Por Uma Faculdade de Arquitetura - PUFA. In LICHT, Flavia Boni; CAFRUNI, Salma. *Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p.39-41.
- 9 MELLO, Bruno Cesar Euphrasio de. *O urbanismo dos arquitetos: genealogia de uma experiência de ensino*. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano Regional) UFRGS, Porto Alegre, 2016. P.160.

A ARQUITETURA MODERNA E A ATUAÇÃO DO IAB RS

Nos anos 1950, o IAB gaúcho teve uma forte representação nas questões relativas aos concursos de anteprojetos para novas edificações na cidade. Em 1952, foi designado o arquiteto Demétrio Ribeiro para integrar a comissão julgadora dos anteprojetos de construção do Palácio de Justiça do Rio Grande do Sul, cujo projeto foi iniciado em 1953 e concluído em 1968.

O concurso foi vencido pelos arquitetos Luiz Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet, que nos anos 90 viria a ser presidente da entidade. Este período foi marcado também pelo movimento estudantil, que era bastante atuante e mantinha relação muito próxima ao IAB. Em 1953, o acadêmico Danilo Landó tomou posse como o primeiro presidente do recém-criado Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura (CEUA). Danilo também foi presidente do IAB RS nos anos 90 e um dos responsáveis por transferir sua sede para o Solar Conde de Porto Alegre.

Em 1958, foi realizado outro importante concurso na Praça da Matriz em Porto Alegre, dessa vez, para o Palácio Farroupilha, sede da Assembleia Legislativa do Estado. O vencedor foi o arquiteto paulista Gregório Zolko, que em 2009 veio a ser um dos jurados do Concurso realizado pelo IAB RS para o Plano Diretor e ampliação das instalações da AL.

As duas décadas iniciais do Instituto dos Arquitetos também foram também de consolidação da arquitetura moderna em Porto Alegre. Conforme o livro "Arquitetura Moderna em Porto Alegre", de Alberto Xavier e Ivan Mizoguchi (1987), a promoção do assunto na capital gaúcha é um dos três fatos a serem lembrados no processo de consolidação da profissão no Estado, junto com a fundação do ensino em 1945 e a própria fundação do Departamento RS do IAB, em 1948.

Nos anos 50, outros projetos modernos foram ganhando corpo como o do Colégio Júlio de Castilhos, vencedor de concurso em 1953, pelo casal de arquitetos Demétrio e Enilda Ribeiro, ambos presidentes do IAB RS em anos posteriores. Além de tantos outros prédios comerciais e dezenas de residências e prédios residenciais, destaca-se a Estação de Passageiros do Aeropor-

to Salgado Filho, de Nelson Souza (1950), os edifícios Jaguaripe, de Luiz Fernando e Fernando Corona (1951) e Santa Cruz, de Carlos Alberto de Holanda Mendonça (1955) e o edifício Tannhauser, de Emil Bered (1953), também presidente do IAB RS e um dos mais destacados arquitetos gaúchos do período.

Ao final dos anos 50, o IAB RS chegou a ter uma seção quinzenal no *Correio do Povo*, para a publicação de projetos e artigos de interesse público e dos profissionais. Deste período destaca-se também a influência ideológica do realismo socialista em Porto Alegre, que teve como ápice a criação da revista *Horizonte*, em 1951, que tinha Demétrio Ribeiro como um dos membros do conselho de redação. Matérias assinadas por ele, além de Edgar Graeff, Nelson Souza, Vera Fabrício e Edvaldo Pereira Paiva falavam sobre a arquitetura voltada para o povo.

O estilo, realista na forma e socialista no conteúdo, que emanava da Rússia soviética desde a metade dos anos 30, estava presente nos ideais dos jovens arquitetos formados pelo IBA e se constituía num condicionante em projetos da época. Em sua dissertação de mestrado, Cícero Alvarez reproduz uma afirmação de Demétrio na revista *Horizonte*, número 5, de maio de 1951: "A arquitetura verdadeiramente nova será, na nossa opinião, uma arquitetura compreendida pelas massas e capaz de evocar em seu espírito as ideias grandiosas que inspiram as lutas patrióticas e revolucionárias do nosso povo". Eram tempos de grandes conflitos conceituais e ideológicos e de busca de uma construção de identidade para a profissão no Brasil.



Palácio Farroupilha, 1958, arquitetos Gregório Zolko e Wolfgang Schoedon
Crédito: acervo digital da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

II CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUITETURA

A vinda de Oscar Niemeyer era aguardada no final do ano de 1948 quando se celebrou, no Instituto de Artes do Rio Grande do Sul, o II Congresso Brasileiro de Arquitetura. Mas não foi possível a sua presença. Veio, inicialmente, o Secretário do IAB, Eduardo Corona e, no evento, o seu presidente Firmino Fernandes Saldanha (1905-1985).

Então, no dia 20 de novembro de 1948, no Auditório Tasso Correa, do Instituto de Artes da UFRGS, em Porto Alegre, deu-se início ao II Congresso Brasileiro de Arquitetos, que seguiu até o dia 27 com a presença de Jorge Machado Moreira, Eduardo Kneese de Mello, Icaro de Castro Mello, Carmen Portinho, Ildefonso Aroztegui, entre outros.

A imprensa de Porto Alegre esteve fortemente presente na cobertura do evento. Ao jornal *Correio do Povo*, Eduardo Corona esclarece algumas das razões para a escolha de Porto Alegre:

*A escolha de Porto Alegre para sede desse conclave nos foi imposta por ser esta capital a mais necessitada entre todas de um impulso e um esclarecimento no que se refere ao aspecto arquitetônico. Porto Alegre, nesse particular está atrasadíssima. É uma cidade em câmara lenta. Tudo chega em último lugar. Precisamos mostrar ao povo porto-alegrense o que é a nova arquitetura e o que já se fez no Brasil, qual é a nova realidade técnica. É urgente evitar-se que a nossa cidade seja vítima, como tem sido, dos mais recentes monstros construídos em nosso país. (apud *Correio do Povo*, 26/10/1948).*

O arquiteto Fernando Corona, tinha o hábito do diário, e nele, escreveu um pouco sobre os preparativos do Congresso que movimentou a capital gaúcha naquele final de ano. Confira alguns trechos do texto, que está disponível no blog do professor Círio Simon¹:

No mês de outubro chega a Porto Alegre meu filho Eduardo como Secretário do Instituto de Arquitetos do Brasil. Traz

credenciais para organizar aqui o 2º Congresso Brasileiro de Arquitetos. A primeira visita que fez foi ao Dr. Tasso Corrêa, diretor do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul solicitar a sede como o local mais apropriado para a realização do Congresso. Tasso ficou encantado com a ideia, pois ele fora o fundador dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo em nosso Estado.

Levei o Eduardo ao *Correio do Povo*, pois se fazia urgente da entrevista sobre o assunto. Apresentei-o ao amigo Breno Caldas e este destacou o redator Raul Riff para fazer a entrevista, que no dia 26 de outubro de 1948 o *Correio* publicava. Eduardo, entre tanta coisa disse: "O Instituto de Arquitetos do Brasil vai realizar, nesta cidade, de 20 a 27 de novembro o 2º Congresso Brasileiro de Arquitetos. Aqui serão debatidos os problemas importantes da Arquitetura e do Urbanismo pelos mais autorizados profissionais brasileiros, arquitetos e urbanistas de renome mundial, como sejam Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Reidy, José de Souza Reis, Jorge Moreira, Marcelo Roberto etc".

Eduardo Corna era o Secretário Geral nato, determinava e mandava em tudo. Na abertura, a presidência da mesa estava constituída pelas seguintes personalidades: Eng. José Batista Pereira, Secretário das Obras Públicas, representando o Governador Walter Jobin; Eng. Hildo Meneghetti, Prefeito Municipal; Arq. Firmino Fernandes Saldanha, Presidente do Instituto Brasileiro de Arquitetos; Dr. Tasso Corrêa, Diretor do Instituto de Belas Artes e Arq. Ernani Corrêa, representando o Curso de Arquitetura e Urbanismo. A comissão executiva seria a seguinte: Presidente: F.F. Saldanha; Vice, Eduardo Kneese de Mello; Arq. Ernani Corrêa, Tasso Corrêa como Diretor geral; Jorge Moreira e Leo de Moraes secretario da comissão.

A seguir foram indicados e aprovados os Presidentes das Comissões. 1ª Comissão: Arq. Eduardo Kneese de Melo; 2ª Comissão: Engª Carmem Portinho; 3ª Comissão, Arq. Jorge Machado Moreira e 5ª Comissão Arq. Fernando Corona.

Até o dia 27 de novembro não houve um momento de descanso. Os temas abordados, mastigados nas Comissões eram debatidos no plenário na mais seria conscientização de cada um

e o Congresso foi um êxito, onde inclusive os estudantes se deram conta que a profissão de arquiteto é de um poder criador inesgotável.

Na sessão de encerramento, lá pelas tantas, após muitos discursos, eu que já havia recebido do Instituto de Arquitetos - Departamento de Porto Alegre, o título de sócio honorário, pedi a palavra para falar rapidamente sobre a obra didática feita pelo Instituto de Belas Artes para a final propor ao Plenário que concedesse ao Dr. Tasso Corrêa o título de Arquiteto "honoris-causa", o que foi aprovado por unanimidade.

Grandes amizades surgiram durante o Congresso. Meu filho Eduardo se desdobrou em sua difícil missão de secretário geral a Exposição de projetos de Rio, São Paulo e alguns de aqui realizada no Correio do Povo foi um êxito total onde o Arq. Jorge Moreira expunha a maquete do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, grande prêmio num certame em Lima, Peru.

Eduardo, em sua entrevista ao Raul Riff, disse: "Ninguém sabe que em Porto Alegre existe o mais honesto curso de arquitetura que qualquer estudante possa procurar. Será neste ano que aqui no Rio Grande do Sul, o primeiro Estado do Brasil a diplomar uma turma de urbanistas, coisa conhecida até no Rio de Janeiro".

Há necessidade ter em mente tudo isto para entender o sentido da viagem de táxi, de São Paulo até Porto Alegre, realizada por Oscar Niemeyer para ser o paraninfo dos formados pelo Curso de Urbanismo Superior do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul da 1ª turma de Urbanistas do Brasil.



Comissão do II CONGRESSO BRASILEIRO de ARQUITETURA reunida no IBA-RS
Crédito: (Revista do Globo : Porto Alegre, nº 478, 05 mar. 1949, pp 46.-49)

1 Fontes Bibliográficas aqui citadas:

*<http://profciriosimon.blogspot.com/2010/05/niemeyer-em-porto-alegre-02.html>

Oscar Niemeyer em Pôrto Alegre» Revista do Globo. Porto Alegre. Ano 20, fascículo 482, 14.05.1949, p.43-45 e p.72 Disponível no site <http://www.ipct.pucrs.br/letras>

**O PRESIDENTE EMIL BERED
E SUA TRAJETÓRIA NA ARQUITETURA MODERNISTA**

Imprescindível registrar nesta publicação a história de um dos presidentes do IAB RS com a carreira mais longa no Brasil. Sua trajetória ajuda a contar o desenvolvimento da profissão! Emil Achutti Bered foi presidente do Departamento do Rio Grande do Sul do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB RS), de 1955 a 1956, reeleito, representou o IAB RS junto à Assembleia Nacional IAB no período de 1958 a 1959.

O arquiteto Bered, que até pouco tempo ainda atuava em seu escritório, em Porto Alegre, acaba de completar 93 anos de idade, e recentemente recebeu em sua residência a arquiteta Elena Graeff e a jornalista Sabrina Ortácio, representantes do IAB RS para um rico bate-papo sobre sua trajetória. Emil Bered é figura representativa da corrente modernista que começou a atuar em Porto Alegre na década de 50. Ele pertence à primeira turma formada pelo Instituto de Belas Artes.

O gaúcho de Santa Maria, Bered mudou-se para Porto Alegre para estudar Arquitetura no Instituto Belas Artes, em 1945. Ele recorda que na escola de Belas Artes havia uma grande efervescência cultural e o sentimento generalizado de integração entre as várias artes. O bar da escola era o ponto de encontro de estudantes e professores, e as discussões sobre arquitetura e política se estendiam noite adentro. Entre os professores havia nomes como Ernani Correa, Edgar Graeff, José Lutzemberguer, Fernando Corona e Demétrio Ribeiro.

Além de ensinar o ofício para muitas gerações de arquitetos, essa dedicação permitiu que Bered experimentasse as diversas etapas acadêmicas, tornando-se, inclusive, Professor Catedrático, em 1969. Ele assumiu a disciplina de Composição de Arquitetura na mesma universidade, onde lecionou até sua aposentadoria, em fevereiro de 1983, sempre ligado às disciplinas de projeto arquitetônico.

O arquiteto também possui um vasto currículo em obras construídas, abrangendo desde edificações de pequeno porte como residências, até edifícios habitacionais e comerciais, sem contar as muitas obras públicas feitas em Porto Alegre, no

interior do Rio Grande do Sul e em outros Estados. E, mesmo possuindo um sólido conhecimento das normas que regiam a arquitetura clássica, estava muito mais interessado em conhecer e trabalhar os conceitos do modernismo do que em continuar uma tradição.

Ele revelou o caráter modernista de sua obra com o Edifício Sede da Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT), em parceria com Luiz Fernando Corona e Roberto Félix Veronese, em 1964. Desde então, passou a ser visto por arquitetos do Brasil como uma grande referência na arquitetura moderna de Porto Alegre.

A preocupação com as questões formais e relativas a caráter e composição aparece claramente em depoimentos. De acordo com Bered:

A caracterização deste tipo de arquitetura identifica-se pela obediência que ela apresenta aos preceitos que regem a boa composição: planta livre, simples e bem definida, integração dos espaços externo e interno, vinculando estes princípios aos estabelecidos pelos nossos costumes e preferências artísticas.

“Na minha opinião, projetar significa, fazer com que as pessoas se sintam integradas com o espaço onde se encontram, é o espaço humanizado, onde nada deve ser feito sem um objetivo prático, o resultado plástico do projeto deve revelar o que organicamente foi concebido”, afirma Emil. “A criatividade é um item importante, não só na arquitetura como na maioria das outras profissões”.

Emil se descreve, aos 93 anos, como um arquiteto prático e pouco teórico, deixando sua intuição falar. Muitas vezes seguiu tendências que surgiam em outros continentes e aplicava em seus trabalhos dentro do país.

Em 2013, Emil Bered foi homenageado pelo CAU/BR como um dos primeiros arquitetos e urbanistas brasileiros a se registrar na entidade. Ele ainda recebeu uma placa comemorativa no Dia do Arquiteto, comemorado em 15 de dezembro de 2016.

O trabalho de Emil Bered reflete o esforço de toda uma geração em realizar uma arquitetura em sintonia com os princípios do movimento moderno internacional, pautada também por exemplos nacionais e influências platinas, mas sempre adaptada às contingências locais.



Presidente do CAU/DF, Alberto de Faria, entrega placa de homenagem ao arquiteto Emil Bered
Crédito: CAU/BR.

CAPÍTULO 2 ANOS 60 E 70

A DITADURA MILITAR E O ENSINO DE ARQUITETURA PROFESSORES EXPURGADOS DA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFRGS

Durante a ditadura militar (1964-1985) as maiores atrocidades foram cometidas principalmente contra estudantes, professores, intelectuais e engajados políticos. Tanto em 1964 quanto em 1969 foram promovidas amplas ações repressivas, que atingiram inclusive a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a criação da CEIS/UFRGS (Comissão Especial de Investigação Sumária da UFRGS) e ASI/UFRGS (Assessoria de Segurança e Informações da UFRGS) por ordens do Ministro da Educação e Cultura, Flávio Suplicy de Lacerda.

O resultado foi o expurgo de dezoito professores da universidade, afastados em setembro de 1964, sendo dezesseis que lecionavam em Porto Alegre e dois em Pelotas. Em 1969, pelo menos vinte e três professores foram expurgados da UFRGS, principalmente em função das indicações da CISMEC (Comissão de Investigação Sumária do Ministério da Educação e Cultura).¹

¹ Estas informações fazem parte da dissertação de Mestrado "Os Expurgos na UFRGS: Afastamentos Sumários de Professores no Contexto da Ditadura Civil Militar (1964-1969) de autoria de Jaime Valim Mansan, apresentada em 2009, no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

O GRUPO DA ARQUITETURA

Segundo a pesquisa de Mansan (2009), na UFRGS, em termos quantitativos, a unidade de ensino mais atingida em 1964 foi a Faculdade de Arquitetura. De lá foram expurgados cinco professores: Demétrio Ribeiro, Edgar Albuquerque Graeff, Edvaldo Pereira Paiva, Enilda Ribeiro e Nelson Souza, além do professor e arquiteto Luiz Fernando Corona, que também lecionava naquela escola, assim como na Escola de Belas Artes, à qual era vinculado. Em 1969, mais cinco docentes da Faculdade de Arquitetura foram indicados pela CISMEC para o expurgo: Ari Mazzini Canarin, Carlos Maximiliano Fayet, Emilio Mabilde Ripoll, Ernesto Antônio Jorge Paganelli e Roberto Buys.

Ficaram conhecidos como "Grupo da Arquitetura", pelos vínculos profissionais e político-ideológicos, e pelo significativo alinhamento de concepções teóricas arquitetônicas. É extremamente significativo o fato de que a grande maioria dos seus membros tenha sido alguns dos pioneiros da arquitetura moderna em Porto Alegre.

A PRIMEIRA SEDE E SUA LIGAÇÃO COM A CULTURA

Como não falar da primeira sede do Instituto na Rua Annes Dias? O "Jornal do IAB" reuniu os participantes da construção do edifício, nos difíceis anos 60, para documentar com seus depoimentos esse importante período da história do IAB RS, que por razões políticas e sociais conhecidas, estava bem vivo também na memória da sociedade brasileira.

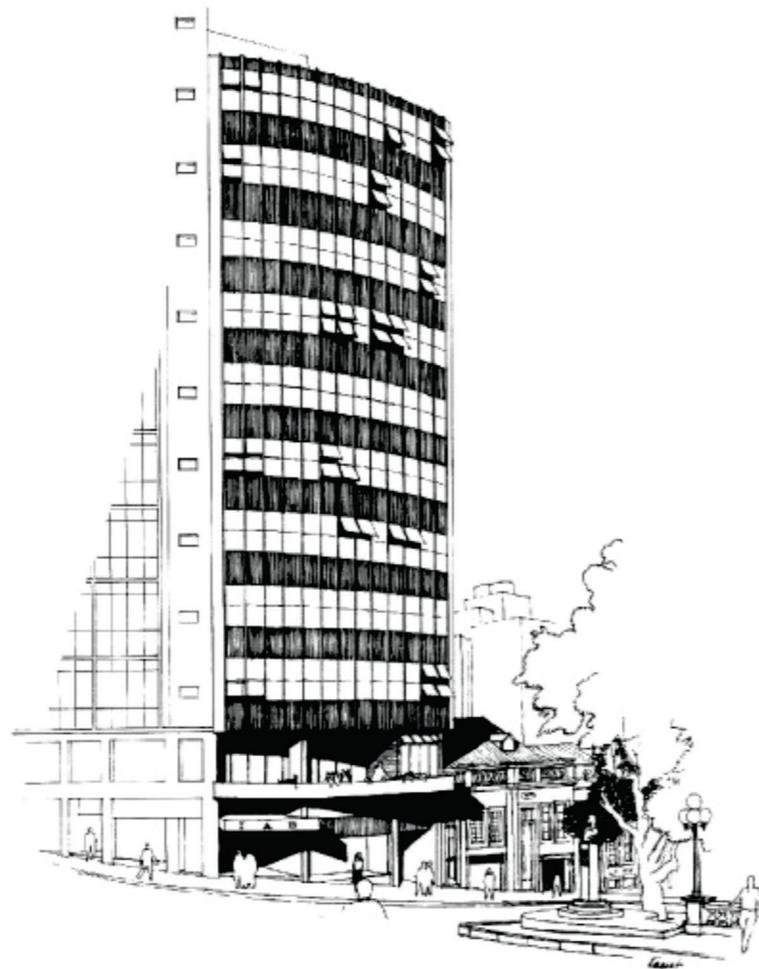
Nos anos 1950 o Departamento do IAB no Rio Grande do Sul funcionava no escritório dos seus presidentes. Irineu Breitman, que dirigiu o Instituto de 58 a 61, contou que o sonho da sede própria se fortaleceu no grupo de arquitetos, segundo ele, jovens e audaciosos.

O começo, conta, foi uma sequência de desilusões. Existia a esperança de, a exemplo de Sociedade de Engenharia, conseguir que a Prefeitura doasse um terreno. O então prefeito, Loureiro da Silva, o primeiro a se preocupar com urbanismo e considerado amigo dos arquitetos, desfez essa ilusão argumentando que a Prefeitura não dispunha mais de terrenos.

O segundo golpe veio quando foi feita a tentativa, com a influência do Senador Guido Mondim, obter um financiamento na Caixa Econômica Federal que viabilizasse a compra do terreno, e que foi negado por falta de recursos. Foi então que surgiu a ideia de fazer um empreendimento imobiliário a preço de custo e foi comprado o terreno na Rua Annes Dias.

Junto com Flávio Soares, tesoureiro do IAB nessa gestão, Irineu Breitman recebeu procuração plena do IAB para vender o empreendimento. Em um ano conseguiram liberar o terreno, onde havia duas casas velhas habitadas, e vender os primeiros títulos que possibilitaram recursos para iniciar a obra em 1960.

Um concurso foi realizado para escolha do projeto da futura sede. O vencedor foi Carlos Maximiliano Fayet, então um jovem arquiteto que se revelava em projetos importantes, como o do Tribunal de Justiça do Estado.



Desenho de Carlos Fayet para o histórico edifício sede do IAB RS na Annes Dias, empreendimento liderado pelo presidente Irineu Breitman que contou com a colaboração de diversos dirigentes da entidade.
Crédito: acervo IAB RS

O PROJETO

A proposta de Fayet apresentava inovações. "Para o terreno estreito e de difícil aproveitamento, projetei um prédio sem corredores, com uma escada no centro formando um grande espaço", explicou Fayet na época. Outra solução, foi a marquise utilizável.

O elevador, detalhado pelo arquiteto Armínio Vendauser, foi o primeiro no Brasil, e talvez no mundo, com piso de pedra e com botoneiras magnéticas. As portas de vidro temperado também inovaram. A intenção era permitir a visualização das portas coloridas em cada um dos nove andares do local. O prédio do IAB foi a primeira construção em Porto Alegre a utilizar canos de PVC.

O CONSTRUTOR

Membro da turma de arquitetos que impulsionava o IAB RS, o engenheiro Salomão Almaleh, participante das campanhas em favor da criação da Faculdade Arquitetura, assumiu a construção do edifício sede integrando-se ao grupo formado por Irineu Breitman, Carlos Fayet e Flávio Soares.

Para transformar os títulos vendidos em dinheiro adiantado, que viabilizasse o andamento da obra, o IAB precisava negociar esses títulos. E aí entra a inestimável colaboração de Almaleh. "Meu pai, Rhamin, era um empreendedor imobiliário e avalizou os títulos do IAB para que pudessem ser descontados no Montepio da Família Militar, que tinha como diretores, na época, Daniel Monteiro e Hélio Prates da Silveira", explicou Almaleh, em entrevista para o jornal do IAB na época.

A construção do prédio durou cinco anos, de 60 a 65. Os administradores da obra buscavam alternativas que viabilizassem a sua continuidade. "Trocávamos material elétrico e hidráulico por área do prédio em construção. E os materiais que comprávamos com descontos distribuíamos em partes iguais entre os adquirentes", contou Almaleh.

A IDENTIFICAÇÃO DO IAB COM A CULTURA

Eleito em 65, o arquiteto Cláudio Araújo foi o primeiro presidente a instalar-se na nova sede, de 66 a 67. Ele lembrava que "A sede do IAB logo se identificou com o mundo cultural da cidade".

As Comissões do Instituto - de Ensino, de Urbanismo e de Arquitetura - movimentavam, grupos da sociedade. Era como se a nova sede tivesse acendido uma chama de entusiasmo nos arquitetos!

Foi instalada nessa gestão uma galeria de arte, orientada por Francisco Stokinger, artista já reconhecido nacionalmente na época. A primeira exposição foi de trabalhos do arquiteto Flávio di Carvalho, artista excepcional e com obras no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

A galeria de arte do IAB tinha um espírito diferente. As pessoas vinham para discutir artes e assuntos da cultura. Vivíamos tempos difíceis, vigiados e controlados e o IAB era uma força cultural na cidade onde artistas como Bruno Kieffer, Vasco Prado e Henrique Furho.

O IAB foi palco de grandes eventos, que marcaram a vida cultural da Capital, como a exposição da Oca, com a presença do arquiteto Sérgio Rodrigues, a palestra de Humberto Eco e do presidente do BNH na época, Mário Trindade. Além do mais, o Bar do IAB foi o primeiro palco do espetáculo "Tangos e Tragédias".

"Esta sede é um símbolo, é mais que um espaço físico. Foi um centro cultural e uma das tribunas democráticas de Porto Alegre" (Carlos Fayet)

"De 65 a 67 a casa de cultura de Porto Alegre foi o IAB". (Cláudio Araújo)

"Almaleh foi quem nos ensinou a gerir os negócios da incorporação que possibilitou a construção da sede do IAB. Ele foi a pedra que calçou todo o empreendimento". (Irineu Breitman)

"Flávio Soares foi um batalhador pelo IAB" (Irineu Breitman)

A TRAJETÓRIA DE TELMO MAGADAN NO IAB

O IAB esteve por um longo período voltado para si mesmo em busca de sobrevivência, da reorganização nacional, do repensar a formação e prática profissionais. Nos anos 70 voltou exuberante, forte, numa ação que transcendeu os limites da entidade e da categoria e atingiu as ruas.

Em 1978, o arquiteto Telmo Borba Magadan, formado pela UFRGS, assumiu a presidência do Departamento gaúcho do Instituto de Arquitetos do Brasil, dirigindo a entidade até o ano seguinte. Vale lembrar que um ano antes, em 1977, a Diretoria Nacional do Instituto veio para Porto Alegre sob a presidência de Demétrio Ribeiro, cuja plataforma enfatizava uma atuação mais política da entidade.

Foi um período em que o IAB ganhou força, propondo-se a exercer um papel de esclarecimento, apoio e orientação aos profissionais. "Conquistamos uma posição de liderança cultural nos assuntos da cidade, preservando absoluta independência, tentando uma ação conjunta com a comunidade e outras organizações profissionais e culturais", recorda Magadan, em entrevista realizada em 2018 em sua residência na zona sul de Porto Alegre.

Para ele, a entidade foi promotora de debates em busca de respostas satisfatórias à degradação da vida urbana, da herança cultural do povo, da devastação do ambiente natural e da contaminação ambiental.

O arquiteto destaca que maturidade conquistada pelo IAB na década de 70 foi se refletir nas eleições de janeiro de 1980. Foi quando a partir de um amplo e democrático debate, o Conselho Superior construiu sua plataforma com a contribuição dos departamentos do nordeste e elegeu Fernando Burmeister seu novo presidente do IAB, transferindo para o Rio de Janeiro a sede da Direção Nacional.

Vale lembrar que durante as comemorações dos 60 anos do IAB Nacional, no Rio de Janeiro, estavam presentes todos os ex-presidentes vivos, de Firmino Saldanha a Fernando Burmeister, no mesmo local em que se realizara a histórica reunião de 26 de janeiro de 1921. Nesta ocasião foi lançado o primeiro

livro da série - Coleção IAB - Quadro Séculos de Arquitetura, de Paulo Santos e uma primeira tentativa de resgate da história do IAB, em forma resumida, trabalho do arquiteto João Ricardo Serran. No plano político, o XI Congresso Brasileiro, realizado em Salvador, debateu o tema - O Arquiteto e a Gestão Democrática da Cidade - antecipando-se à questão que passaria a ter repercussão nacional ao longo de toda essa década.

Telmo Magadan, sendo uma grande referência de atuação para as atuais lideranças da entidade, sucedeu a Fernando Burmeister e assumiu em 1983 a direção do IAB Nacional num momento particularmente da história brasileira. Sua gestão seguiu até 1985.

A sociedade se organiza para pelo fim de uma época de arbítrio e opressão. É um grande momento de luta do povo brasileiro, momento das - Diretas já. No IAB, com a adesão dos departamentos estaduais foram debatidas e definidas posições sobre a questão urbana, a política habitacional, a legislação profissional, entre outras. (MAGADAN, 1981)

Telmo destacou ainda na entrevista realizada pela jornalista Sabrina Ortácio que a luta dos arquitetos do IAB RS sempre foi permeada por questões como a ação política para buscar a produção da melhor arquitetura vinculada às cidades sustentáveis, por uma visão sistêmica de cidade. "Na época da ditadura militar, toda a nossa ação estava permeada pelo autoritarismo, mas o IAB sempre avançou, nunca recuou. Assumimos os riscos. O maior bem do IAB é a sua independência de posicionamento como entidade", acredita Magadan.

Com o início da abertura democrática do país, inúmeros arquitetos, defendendo posições da categoria, foram chamados assumir funções em novos governos, eleitos democraticamente. Telmo Magadan assumiu, então, a presidência da EBTU - Empresa Brasileira de Transportes Urbanos, passando a presidência do Instituto ao vice-presidente, Antônio Carlos Campelo Costa, do Ceará.

O arquiteto gaúcho desenvolveu toda a sua carreira profissional nas áreas pública e privada, na estruturação e criação de projetos e em cargos estratégicos de gestão. Por três anos foi chefe de gabinete do prefeito Telmo Thompson Flores. Na

iniciativa privada, é um dos pioneiros e principais responsáveis pela instalação de parques eólicos no Rio Grande do Sul. Atualmente, é sócio-diretor da Brain Energy Energias Renováveis, empresa gaúcha de empreendimentos eólicos e solares, com sede em Porto Alegre.



Telmo Magadan destaca que o maior bem do IAB é a sua independência de posicionamento como entidade.

MUITO MAIS QUE UM BAR

O Bar do Instituto dos Arquitetos do Brasil - Seção Rio Grande do Sul ou simplesmente o Bar do IAB, foi muito mais que um bar, em seus mais diversos formatos e períodos. Foi, primeiramente, um ponto de encontro de arquitetos e, posteriormente, um centro que emanava cultura e ideias, que presenciou o surgimento de grandes artistas e de espetáculos.

Para citar dois exemplos, o espetáculo que teve a duração de três décadas, Tangos & Tragédias, encarnado pelos músicos Hique Gomez e Nico Nicolaiewsky, como Kraunus Sang e o maestro Pletskaya, e todo o imaginário do anárquico país da Sbórnia, teve a sua gênese no local que ficava no térreo e subsolo do prédio do IAB, localizado na Rua Annes Dias, 166, como atesta Hique, ainda lembrando do parceiro Nico, morto em fevereiro de 2014 naquele mágico 1984: "Foi nos corredores do Bar do IAB, que finalmente o Nico aceitou a minha proposta de que seríamos dois personagens. Eu já havia escolhido ser Kraunus Sang nos ensaios. Então ele aceitou ser o Pletskaya, isso minutos antes de entrarmos em cena. Foi a nossa primeira apresentação e foi muito boa. O dono (Dirceu Russi) falou: 'voltaram os grandes espetáculos' e nós rimos, porque pensávamos que o nosso era um bem pequenininho. Logo o Juarez Fonseca escreveu uma nota elogiando o Tangos e nós acabamos pensando será que é sério? Estávamos nos divertindo muito e ele perdurou por três décadas", lembra Hique.

Apesar de ser frequentado desde o final dos anos 1960, o bar passou a ser reconhecido como uma referência cultural, a partir de 1º de dezembro de 1981, quando o Bar Espaço IAB foi inaugurado no andar térreo do Edifício do IAB, sob administração de Dirceu Russi. O espaço passou a ser o bar realmente underground de Porto Alegre e acabava sendo, literalmente,

pois tinha um subsolo.

Arte, arquitetura, música, teatro e política estavam todas sob o mesmo teto. Conforme o arquiteto e ex-presidente do IAB RS em 2006/07, Iran Rosa, era um local de convergência, no qual foi possível ver as primeiras apresentações do grupo de teatro de bonecos 100 Modos e também nomes como Léo Ferlauto, Nei Lisboa, Nana Caymmi, Rosinha de Valença, Geraldo Flach e Cida Moreira.

O bar contava ainda com uma livraria administrada pelo designer Antonio Carlos Castro. A galeria de arte do Espaço era administrada por Direu e Antônio. De acordo com o arquiteto e urbanista Rogério Malinsky, nesta microgaleria de arte vários dos principais artistas da cidade expuseram seus trabalhos. "Lembro especialmente de uma exposição de caricaturas, que tinha inclusive obras minhas, além do Santiago, Edgar Vasquez, Cláudio Fischer e do Edgar Timm, entre outros", recorda.

Dirceu Russi que administrou o bar e deu a ele o vigor cultural lembra de outros nomes que fizeram shows ou fizeram participações especiais, canjas no pequeno palco do local, da intelectualidade gaúcha naquela primeira metade da década de 1980. "O Chico Buarque, a Adriana Calcanhotto, o Celso Loureiro Chaves e também fizemos sessões de autógrafos do Millôr Fernandes e do Mario Quintana", conta. Era um reduto daqueles que faziam e apreciavam a cultura.

Para o músico e escritor Claudio Levitan, que também participou do ponto alto do bar nos anos 80, "o bar era um ponto de encontro de uma parte importante dos atores culturais da cidade. Gente que comungava de opiniões semelhantes sobre a importância da retomada da democracia no Brasil e que dividiam manifestações artísticas provocativas e corajosas num momento em que tudo era proibido, até reunir gente era mal vista. Além dos encontros em volta de uma mesa para debater política, filosofia e outras questões existenciais, promovia show, debates, apresentações artísticas de toda ordem, até exposições. Foi um lugar especial. Um lugar que nos ajudou a sobreviver, ao permitir que o bom humor e esperança na utopia redimensionasse o poder da repressão militar e política sobre nossos destinos", afirma.

SÍNTESE DOS MOVIMENTOS POLÍTICOS E CULTURAIS

Dirceu lembra que o local passou a sintetizar os sentimentos e movimentos políticos e culturais da cidade. "Para exemplificar, um dos nossos primeiros grandes eventos, em 1982, foi uma apresentação do grupo de teatro de bonecos 100 Modos e do músico Raul Ellwanger, que havia sido exilado político, junto com uma exposição de fotografias do Luiz Carlos Felizardo. Conseguimos então juntar o público do teatro, do Centro de Artes Dramáticas da UFRGS, músicos, militantes políticos, escritores, psicanalistas, advogados e é claro os arquitetos", ressalta.

Entre os melhores momentos do bar, Russi lembra dos shows em formato pocket como a Suíte de Claude Bolling, com o Celso Loureiro Chaves e o Ayres Potthoff; o de Cida Moreira; a apresentação da Nana Caymmi e da Rosinha Valença ou ainda o show "Só Blues", de Nei Lisboa e Augustinho Licks, com iluminação feita somente com fósforos", conta Russi.

Com a fala nos anos 1980, mas a memória sendo vasculhada até o final dos anos 1960, Rogério Malinsky lembra do seu momento de agitador cultural naquela época, quando organizou um evento que chamou de "Estreia Selvagem" do Bar Espaço IAB, no edifício da Annes Dias. "Eu me formei em 1967 e sempre fui agitado. Fiz algumas disciplinas no Centro de Artes Dramáticas da UFRGS, aulas com Gerd Bornheim e Ruggero Jacoby e aí surgiu a ideia de fazermos um happening de abertura do Espaço IAB, que já possuía uma galeria de arte e seria o primeiro bar do local. Fizemos um túnel de madeirite, forramos com fotos de pernas de mulheres, recortadas de revistas. Eu já tinha uma ligação com os Bambas da Orgia e o Pernambuco (que depois voltou a participar do bar nos anos 1970 e 1980) foi nesta Estreia Selvagem com três mulatas. Foi uma festa até quase o amanhecer", lembra Malinsky.

ENCONTRO HISTÓRICO ENTRE MILLÔR E LFV

Malinsky lembra que, nos anos 1970, o Bar funcionou, mas de forma mais discreta, com espaço para um carreteiro, um bate-papo e também para as famosas caipirinhas dos sábados pela

manhã. O cartunista Neltair Rebes Abreu, o Santiago, lembra que, em 1976, a Galeria e Bar do Espaço IAB foi palco de um encontro histórico entre Millôr Fernandes e Luis Fernando Verissimo, numa exposição do Caulos. "Foi o primeiro encontro entre estes dois gênios do humor. O Millôr e o Verissimo ainda não se conheciam. O Verissimo já era tímido e estava mais intimidado pela fama do Millôr, que por sua vez também não estava para grandes conversas. Foi um dos grandes momentos daquele espaço", lembra Santiago.

Para o cartunista, autor de tantos personagens engraçados como o Macanudo Taurino, o Bar do IAB foi o ponto de encontro dos intelectuais, arquitetos, artistas, jornalistas e também do surgimento de grandes ideias, salientando o surgimento do Tangos & Tragédias e também a Suíte de Claude Bolling, entre outros shows e eventos do local. "Lembro que eu trabalhava na Folha da Tarde e a gente ia pelo menos três vezes por semana no bar. Tinha muita gente boa, o Roberto Silva, artista gráfico; o Juska, o Edgar Vasquez, que ia muito mais do que eu; o pessoal do teatro Julio Zanolta, Oscar Simch, Zé Victor Castiel, que fazia show particular de piadas e tipos para a gente", ressalta.

Santiago observa que outros bares do final dos anos 60 e dos 70 tiveram a mesma característica de unir tanta gente de ideias, como o Viscaia, na Protásio Alves, e o Rembrandt, na 24 de Outubro. "Mas nenhum bar foi tão aglutinador, juntou tanta gente boa e tantos eventos como o Bar do IAB. Eu casei em 1978 com a Olga e continuei indo com ela ao bar. Chegamos a levar o nosso filho pequeno, o Bernardo, que ficava no Moisés (uma cestinha para bebês)", conta.

Iran Rosa revela que já na efervescência dos anos 1980 era importante frequentar o Bar do IAB. "Eu era um prego, um estudante de 2º grau e ia lá sozinho. Os meus amigos queriam ir para outros bares e danceterias. Lembro a primeira vez que vi o Léo Ferlauto sentar naquele piano e tocar. Era assim que eu queria ser, com aquela atitude. O Bar do IAB sempre me remete ao Leo. Ele sempre representou algo visceral, ousado, criativo, galanteador", comenta o arquiteto lembrando de um show de Natal, no dia 23 de dezembro de 1983, em que Leo Ferlauto

tocou com a Banda Delírio. Talvez por influência do músico, Iran teve banda logo depois e seguiu a carreira da arquitetura, sendo vice-presidente do IAB em 1998/99, na gestão de Francisco Danilo Landó e chegando à presidência em 2006/07.

UM FENÔMENO

Para Iran, o bar foi um fenômeno a ser analisado mais detidamente. "Foi um local de convergência de todos os artistas. Além dos arquitetos, juntava o pessoal do teatro, da esquerda. Era um ambiente cultural sem igual, onde a vanguarda se encontrava. Quando é que em outros lugares a gente poderia se deparar com Chico Buarque, João Bosco, Nana Caymmi, Hermes Aquino", constata.

Outra lembrança do ex-presidente do IAB-RS é que logo que foi aprovado o projeto do Solar do IAB na virada dos anos 1990 para os 2000, o espaço do Bar do IAB estava largado e foi cedido para os estudantes de Arquitetura, que fizeram daquele local o QG do Acampamento da Juventude do 1º Fórum Social Mundial. "O Landó era o presidente e liberou o local e eu fiquei como responsável. Estavam naquele grupo o Rafael Passos e o Fernandão. Aquele foi o último suspiro do Bar do IAB, mas sempre vanguardista", rememora.

Iran Rosa termina sua fala, lembrando que a volta do Bar do IAB, possivelmente após a reforma do Solar, seria a concretização de um movimento pela valorização do Centro Histórico de Porto Alegre. "Novamente o IAB poderá ter o protagonismo na vida cultural do Centro Histórico, se mantendo na vanguarda e salvaguardando esta região da decrepitude que parece estar tomando conta da nossa cidade."

Voltando ao Bar e aos anos 1980, no ano de 1983, Claudio Levitan lembra de ter apresentado um show de música com o amigo Beto Meimes (bateria e percussão) chamado ARQUITETANDO UM SOM. "Um show especial para o lugar, pois misturava arquitetura, memória e música". Ele lembra que a sua participação no Tangos & Tragédias em 1984 ainda era de fã. Como todo o público do Bar, ficamos impressionados com aqueles dois sbornianos que vieram dar em nossas praias trazendo histórias de

um país, quase como o nosso, que sofreu uma hecatombe e perdeu sua bagagem cultural pelo caminho. Éramos nós! Naquele momento, me senti patriota deles dois e passei a acompanhá-los, como um bom patrício, rememorando coisas da nossa pátria, mesmo que fossem memórias só minhas! Foi um começo para mim também, quando vi que eles traziam junto com aquele humor e alegria, o retorno da nossa democracia”, analisa a situação.

LACUNA NUNCA SUPRIDA

A lacuna deixada pelo fechamento do Bar do IAB no final dos anos 80 nunca mais foi suprida. “Perdeu-se um local onde as pessoas ousavam. Onde podia se pensar em criação sem limites, e onde se contava com um público sedento por este tipo de criação”, observa Hique Gomez. “Fecharam nele um pouco da nossa juventude”, pontua Claudio Levitan. Ele salienta que a

cidade e o seu Centro Histórico comportariam uma nova iniciativa nos moldes do Bar do IAB. “Abrir bares com esse perfil, do antigo Bar do IAB, é sempre uma grande ideia e uma boa coisa. Como saber se vai dar certo? Só fazendo. Um bar (o Tutti) que foi fechado recentemente, parecia ser o herdeiro, pelo menos, dele faziam parte um dos grupos importantes do IAB, os cartunistas/humoristas da cidade. Daí a minha preocupação, que o poder municipal, atendendo a parcelas da cidade, vem impedindo que se crie um novo espaço histórico como aquele para a nossa cultura, feito pela nova geração. Para que isso aconteça, temos que repensar sobre o que se entende como democracia e liberdade de expressão, parece que ainda vivemos dentro de um dos resquícios da antiga ditadura: a repressão à expressão dos jovens sem que se entre num embate irracional e conflituoso”. Conforme Levitan, “esse tipo de repressão aos bares e à música ao vivo que o poder público vem fazendo, impede o



O Bar do IAB foi ponto de encontro de arquitetos e um centro que emanava cultura e ideias, onde surgiram grandes artistas e de espetáculos.

Crédito: Acervo pessoal Luís Achutti.

convívio social da nova geração e que se crie condições para a evolução da cultura. É necessário que se tenha liberdade para se encontrar e se manifestar, sem que percamos o senso de civilidade, e para que a cultura se renove e respire os ares da nova geração”.

Para Levitan, o bar era um palco de muitas situações inusitadas. “Íamos para lá em busca de situações surpreendentes! Lembro somente de uma, a do show dos Irmãos Brothers. Eles fizeram a apresentação como se fosse uma quermesse. Era engraçado e com ótimas músicas dos tempos do ronquennroll. Era o Mutuca, o Chaminé, Léo Ferlauto e o Careca. Foi outro grande sucesso com música e muito bom humor. Tive a oportunidade de dirigi-los mais tarde, com um texto especialmente escrito para o grupo pelo Luis Fernando Verissimo e que estreamos em São Paulo!”

A literatura também aparece na memória de Levitan. “Tenho a lembrança, flashes da memória, de muitos lançamentos de livros, acho que a LPM gostava de lançar por lá, de apresentações superlotadas e de outras coisas. Gostaria de olhar uma lista desses eventos para que eles se encaixassem e recuperassem minha memória. Vivemos bastante naquele bar... talvez construimos nele muito da nossa arte de hoje! Mas, como precisar? Se essa memória já se transformou em coisas palpáveis, em nova vida?”, aponta.

A MESA 15

A união entre o bar e a livraria, a famosa Mesa 15 é a lembrança do casal Ignácio e Cristina Moreno, que inauguraram a Livraria do Arquiteto, no local no dia 12 de setembro de 1991, no exato dia dos cinco anos de existência da livraria, que já funcionava na UFRGS. “Era um lugar de encontro. Quem tinha que fazer alguma coisa no Centro, marcava no IAB, na livraria ou no bar. No período em que ficamos lá foi assim, entre 1991 e 1994. Às quintas-feiras eram pontos de encontro, a livraria às vezes ficava aberta até as 5h da manhã para acompanhar o pique do bar. Havia pessoas que iam no bar, pegavam sua cerveja e pegavam um livro, aquele que elas estavam namorando um

tempo e iam lê-lo naquele período que estavam ali”, recorda Ignácio. O dia da inauguração da Livraria foi uma grande festa com a presença de um sem número de arquitetos da cidade, confessa Cristina.

O último suspiro da livraria dentro do Bar foi a utilização do mezanino para a fundação do Greenpeace em Porto Alegre. “A primeira reunião do Greenpeace em Porto Alegre foi no nosso apartamento. Utilizamos o mezanino para a sede do Greenpeace até 1995, quando eu fechei a livraria e o Greenpeace abriu um escritório na Rua Felipe Camarão”, relata Ignácio Moreno.

O casal recorda prazerosamente daquele período no qual o bar era administrado por César e Mara. “Foram tantos os amigos, desde arquitetos a artistas, a maioria deles está no livro de presença da inauguração. São todos grandes amigos e clientes que aprendemos a admirar nesta convivência”, relatam Cristina e Ignácio, que começaram a Livraria do Arquiteto na UFRGS, em 1986, após venderem livros de forma itinerante desde 1983 e terem facilitado a vida de arquitetos, que viajavam a São Paulo e ao exterior para trazer literatura específica, no que o arquiteto e urbanista Ivo Guilherme Nedeff definiu, de forma grata: “vocês são muito especiais, pois nos fizeram poupar o tempo das viagens para procurar os livros de arquitetura”. Em 31 de julho de 2014, a Livraria do Arquiteto fechou suas portas na UFRGS e na UniRitter.

CARLOS MAXIMILIANO FAYET – UM DOS NOMES MAIS ATUANTES NAS ENTIDADES DE ARQUITETURA

Representante da terceira geração de arquitetos modernos no Brasil, o capixaba Carlos Maximiliano Fayet radicou-se em Porto Alegre e tornou-se um dos nomes mais atuantes nas entidades nacionais de arquitetura, tendo sido presidente do IAB RS por duas gestões, a primeira entre 1994 e 1995 e a segunda de 1996 a 1997. No ano seguinte, foi eleito presidente Nacional do IAB onde seguiu sua gestão até o ano 2000. Fayet também presidiu a ABEA – Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura, foi Conselheiro Federal e ainda vice-Presidente do Confea – Conselho Federal de Engenharia e Agronomia, entidade do qual recebeu a Medalha do Mérito.

Além disso, Fayet teve uma intensa atividade didática como professor durante toda a vida, formando várias gerações de profissionais. “Ele deu uma grande contribuição à Arquitetura e aos arquitetos brasileiros”, destacou o arquiteto Gilberto Belleza, conselheiro vitalício do IAB Nacional.

Fayet concluiu em 1948 o curso de pintura na Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde também cursou Arquitetura, em 1953, e Urbanismo, em 1955. Em 1954, ele retornou à instituição como assistente da cadeira de urbanismo e tornou-se titular da cadeira Grandes Composições do curso de arquitetura, catedrático de Teoria e Prática dos Planos de Cidades do curso de Urbanismo; e responsável pelas cadeiras de Arquitetura Analítica, Geometria Descritiva e Perspectiva e Sombras na Escola de Artes. Além disso, atuou intensamente no Seminário de Reforma de Ensino da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, em 1967.

Paralelamente às atividades docentes e do escritório, ele contribuiu intensamente para o desenvolvimento da profissão, quando participou do 1º Inquérito Nacional de Arquitetura, realizado pelo Jornal do Brasil, em 1962, além de congressos, seminários e instituições de classe.



Várias obras de Fayet se transformaram em marcos importantes da Arquitetura Gaúcha e Brasileira
Crédito: H. Segawa.

MARCOS DA ARQUITETURA GAÚCHA E BRASILEIRA

O arquiteto mantinha um escritório ativo realizando projetos individuais e em parceria com os amigos e arquitetos Luiz Fernando Corona, Cláudio Luís Araújo, Moacyr Moojen Marques, Miguel Alves Pereira, Carlos Eduardo Dias Comas e José Américo Gaudenzi, além do engenheiro uruguaio Eládio Dieste.

Várias de suas obras se transformaram em marcos importantes da Arquitetura Gaúcha e Brasileira, como a primeira sede do IAB RS, na Rua Anne Dias, no Centro de Porto Alegre.; a Sede do Palácio de Justiça do RS, restaurado pelo próprio Fayet, o Ceasa de Porto Alegre, em coautoria com Eládio Dieste, a Refinaria Alberto Pasqualine, obra marcante projetada por um grupo de então jovens arquitetos gaúchos, o Terminal Rodo-Aquaviário de Vitória/ES, e o Parque Ecológico de Guarapiranga em São Paulo, primeiro Lugar em Concurso Nacional.

HOMENAGENS

Entre as homenagens que recebeu, destacamos o momento em que foi condecorado com o Colar de Ouro do IAB, maior comenda da entidade, entregue aos profissionais que tiveram uma dedicação exemplar não só ao Instituto, mas à Arquitetura Brasileira. Vale lembrar que foi na sua gestão como Presidente que foi fundado o Colégio Brasileiro de Arquitetos, período em que batalhou por um Conselho Profissional próprio. Até a data de seu falecimento, em 19 de março de 2007, Fayet foi Conselheiro Vitalício do IAB e representante da entidade na Comissão de Prática Profissional junto à UIA - União Internacional de Arquitetos.

O PRÊMIO IAB - POR DANILO LANDÓ

Quando idealizamos e promovemos a primeira edição do Prêmio IAB RS, em 1998, sabia que seria uma oportunidade muito significativa para os formandos de Arquitetura e Urbanismo de nosso Estado. O IAB sempre buscou a aproximação com a universidade. O Prêmio veio para colocarmos em prática estas ações conjuntas com o meio acadêmico. A ideia era trazer para o IAB os jovens talentos da arquitetura.

A primeira edição já foi um sucesso. Conseguimos ter representantes de todas as faculdades de arquitetura e urbanismo do Rio Grande do Sul. Lembro que o primeiro vencedor do prêmio IAB foi um estudante da PUCRS. Nesta época, o arquiteto Ivan Mizoguchi era o coordenador da faculdade, e teve um papel muito importante na qualidade do projeto apresentado pela a instituição católica.

O IAB é a entidade mais antiga e que sempre lutou pela qualidade da Arquitetura e Urbanismo. Acredito que as faculdades têm um papel fundamental para conseguirmos isso. O Prêmio IAB, de certa forma, também tem ligação com os Concursos Públicos de Arquitetura, pois segue essa filosofia de incentivar a produção de projetos com qualidade por meio de concurso. Além disso, sempre prezamos por ter uma comissão julgadora formada por arquitetos renomados no Brasil.

O sucesso do Prêmio veio muito do empenho do arquiteto José Albano Volkmer, que recebeu essa justíssima homenagem do IAB.

Também tivemos na comissão de ensino o arquiteto Alberto Pereira Filho, que foi outro grande nome quando falamos do tema. Os dois lutaram muito para a concretização deste reconhecimento acadêmico e foram personagens decisivos nesta trajetória. Depois de 19 anos, percebo que chegou o momento de o Prêmio IAB avançar.

Acredito que um dos caminhos é proporcionar aos novos profissionais experiências em outras culturas e centros urbanos. E, um dos caminhos para o financiamento de bolsas de estudos para os formandos, seria através dos bancos como instituições incentivadoras e patrocinadoras. Com certeza, essa experiência no exterior iria melhorar a qualidade dos profissionais

que entrariam no mercado.

O IAB tem excelentes ideias e profissionais, mas não tem verba. Encontro muitos arquitetos que me dizem "Não entro no IAB porque a entidade não me dá nada". Isso está muito errado. Quem tem que dar alguma coisa não é o IAB e sim os arquitetos ao IAB, pois ele já fez muito pela nossa classe. A projeção da arquitetura brasileira no mundo tem muito esforço do IAB por trás.



Arquiteto Danilo Landó
Crédito: Sabrina Ortácio

CAPÍTULO 4 SÉCULO XXI

O SOLAR CONDE DE PORTO ALEGRE – UM ESPAÇO PARA A CULTURA

As paredes de estuque e os tijolos assentados com barro fazem parte da história contada pela arquitetura do Solar do IAB, tombado pelo patrimônio histórico. Mas, seu valor para a história do Rio Grande do Sul ultrapassa as linhas da arquitetura luso brasileira do final do século 19, estudadas e restauradas em um trabalho que teve início com a chegada no século 21.

Registros em mapas da cidade já apontam para a sua presença desde o ano de 1837. Até a década de 1930, o Solar foi utilizado como residência da família do Conde de Porto Alegre. Sem contar no período que, segundo estudos, apontam para um endereço de ponto de trocas, no estilo de um armazém de secos e molhados, antes de servir como morada para o militar que ajudou a defender a cidade da invasão dos Farrapos. Devido à proximidade com o Guaíba e a posição em um terreno elevado, a edificação também atuou como um "mirante" na época da Revolução.

Degradado por um incêndio e marcado pelo uso da segurança pública - sediou o Departamento de Polícia, o primeiro necrotério de Porto Alegre, o Quartel da Brigada Militar e o Departamento de Trânsito e, nos anos 60 e 70 foi sede do DOPS e do DOI-CODI - o Solar apresentava sérios riscos estruturais. Foi quando, no final da década de 80, durante o governo de Alceu Collares, iniciou-se a conversa com o IAB, presidido por Carlos Maximilano Fayet, para que o imóvel fosse doado ao Instituto.

O prédio foi cedido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul em 1994. "Além de restaurar, caberia ao IAB abri-lo para a comunidade. Além de todo o valor histórico pela questão do

Conde de Porto Alegre, mas também por ser um dos três solares remanescentes na Capital, ao lado do Solar dos Câmara e o Lopo Gonçalves, onde fica o Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. Foram oito anos de discussões e assembleias, assim como todos os processos que envolvem a doação e o projeto de restauro.

“Todo mundo achava que, por sermos arquitetos, conseguiríamos tudo mais fácil, tínhamos fornecedores de forma mais barata, mas arquitetura não dá ibope. Aos poucos, as pessoas percebem que se quer ajudar na história da cidade. E o solar tem muito disso: é a casa dos arquitetos feita para a comunidade usar”, lembra Iran Fernando da Rosa, presidente do IAB na gestão 2006/07 e hoje membro do Conselho. O projeto, assinado pela arquiteta Ediolanda Leidke, manteve compartimentações internas, o volume do telhado, bem como piso e forro em madeira e os desenhos das esquadrias.

O restauro teve início no ano de 2000, junto com a mudança de endereço, após a venda da antiga sede. “Quando eu fui candidato à presidência do IAB, já havia a proposta de mudança. O prédio já estava cedido, foi preciso vender a antiga sede para conseguir recursos. Na ocasião, tínhamos um rival, a Secretaria de Segurança, mas o governo optou por doar o Solar ao IAB. A ideia, desde o primeiro momento, era a criação de um centro cultural, além de conservar a memória da Revolução Farroupilha. Em termos de projeto de restauro, a arquiteta Ediolanda partiu de registros dos anos 30. Saímos de um prédio moderno, com todo um trabalho de arquitetura atualizado, mas em termos de patrimônio não temos dúvida que é muito mais valioso”, afirma Francisco Danilo Landó, presidente à época da mudança de endereço e início das obras.

Entre as fases já executadas, com trabalho do escritório de Edegar Bittencourt da Luz, estão a retomada de fundações, a estabilização de paredes, a estrutura e a cobertura do telhado, a estrutura do entrepiso, estrutura para ar-condicionado e um reservatório para incêndio. Para o piso, segundo Edegar, madeiras doadas pelo IBAMA já estão no aguardo do corte e da instalação.

“Uma intervenção importante foi no telhado. Como não exis-

tia mais a estrutura, estava muito degradada, e teríamos obrigatoriamente que trocar a original, optou-se pela estrutura metálica e não de madeira. Não tínhamos mais vestígios para restaurar, não tinha o porquê investir em uma madeira, não seria sustentável e também por uma questão de durabilidade”, explica. Entre os originais, o arquiteto relembra o uso de entrepiso, barrotes e características antigas, como as esquadrias em arco.

“O pátio interno, ao lado de onde ficava o necrotério, tem a tipologia original de grande valor histórico e arquitetônico. Vê-se a arquitetura luso brasileira pela leitura das janelas, da camarinha e dos beirados” afirma. O arquiteto Marcel Trescastro, que atua na coordenação e compatibilização dos projetos a partir da etapa 2 (após execução de fundações e reservatórios), destaca a solução para o forro tipo saia e blusa que segue o modelo original, e reconstrução das esquadrias também a partir de desenhos originais e a recuperação dos banheiros.

O estudo da cor, segundo Trescastro, também recorreu às técnicas que procuraram a máxima fidelidade. “Para este trabalho foi feita prospecção da pintura existente para identificação das cores originais da edificação. Este procedimento permitiu definir a cor da fachada com base em dados históricos da edificação”, conta.

Em meio ao processo de restauro - e da doação definitiva do prédio, que tramita na Assembleia Legislativa - o Solar exerce suas atividades culturais, sua vocação desde o início das negociações com o Governo do Estado. Entre as ações, a mais destacada e tradicional é a Quarta do IAB, que promove discussões sobre Arquitetura e temas relevantes para a cidade. Assim como a manutenção da Galeria de Arte do IAB, há 50 anos aberta ininterruptamente.

SOLAR É PONTO DE CULTURA

O Solar Conde de Porto Alegre agora é ponto de cultura do RS. O projeto fundamenta-se nos temas da Cidade e da Cultura propondo uma série variada de ações que buscam reforçar a

ideia de construção da cidade como um resultado cultural - e social, político, econômico - da sociedade. Neste sentido, as linhas de ação foram identificadas pela comunidade com o objetivo de promover a relação entre cidade e cultura, tais como: educação patrimonial, artes visuais e o espaço público, cinema e a cidade, literatura e arquitetura, história da cidade e questões contemporâneas, entre outras. O IAB RS oferece o Solar Conde de Porto Alegre como um lugar testemunha de importantes episódios da história do Rio Grande do Sul, como a Revolução Farroupilha e Guerra do Paraguai, morada típica da aristocracia na área central de Porto Alegre, sede do DOPS e da repressão política, sede temporária do Fórum Social Mundial e escritório de concepção do Fórum e do Acampamento da Juventude e, finalmente, o atual Centro Cultural do IAB RS.

CULTURA NAS CATACUMBAS DO SOLAR

Mais cultura e mais artes. As catacumbas do Solar Conde de Porto Alegre terão novas histórias para contar, mas dessa vez bem diferentes daquelas do passado que nem é bom lembrar. É que desde o dia 04 de setembro de 2018 funciona no andar térreo do Solar do IAB, com entrada pela Rua Riachuelo 579, um novo espaço que oferece oficinas, cursos e eventos culturais de teatro, música, artes visuais e audiovisual. O Espaço Cerco Cultural nasce de uma parceria e colaboração entre o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB RS) e o Grupo Cerco de Teatro.



Solar do IAB RS em processo de restauro.
Crédito: Bruno Paz

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

2001, uma odisséia social mundial

Por Iran Rosa - Presidente IAB RS 2006/2007

Era 2001, era Danilo Landó o presidente do IAB-RS e a sede ainda era no prédio na rua Annes Dias. Sede marcada por tantos momentos memoráveis. Dentre eles, as noites undergrounds do Bar do IAB, território inquestionável da cultura em Porto Alegre nas décadas 70 e 80. Aliás, uma bela história para outra hora.

O ano deste relato inicia em 2001. Uma odisseia acontecendo por aqui. Um interessante fenômeno mundial cujo palco veio a ser Porto Alegre, logo vindo a ser conhecida como a capital do Fórum Social Mundial. Porto Alegre internacional. A cidade de "um outro mundo possível". Cenário de integração mundial social e cultural com diversidade, urbanidade e ousadia. O primeiro Fórum Social Mundial aconteceu em janeiro de 2001 e o próximo já estaria marcado para um ano depois. E é aí, ao menos nas minhas memórias, que entra o IAB RS.

Depois do grandioso impacto do Fórum Social Mundial em Porto Alegre, o primeiro, a garotada estudante, na grande maioria da arquitetura, se empenha em organizar o Acampamento Intercontinental da Juventude para o 2º Fórum Social Mundial que, em janeiro de 2002, aconteceria mais uma vez nessa capital.

Vieram falar comigo. Na época, eu integrava a diretoria do IAB RS como 3º vice-presidente e, segundo Landó, deveria ser o responsável pela ala jovem dos arquitetos deste Estado. De fato, com minha entrada em 2000 no Instituto, muitos colegas da nova geração se juntaram e passamos a dar um movimento bem intenso nas atividades políticas e culturais desde então. E os estudantes junto. Começamos a fazer o Jornal do IAB RS impresso, o site, o Info IAB RS, que era uma espécie de newsletter semanal, e festas, de preferência muitas. Logo a sede passaria para o Solar do Conde de Porto Alegre e tudo se encaixaria ainda melhor. Ali estamos até hoje. E essa também é outra história.

Mas, na ocasião, o Solar ainda estava nas obras iniciais.

O IAB RS ainda instalado na sua sede da Annes Dias onde, no subsolo, se armazenava toda espécie de tralha em desuso, máquinas e cadeiras tortas, rolos de papéis, revistas, livros e poeira, muita poeira naquele espaço em que, há 20 anos a multidão ocupava intensamente e a arte e a cultura ferviam. Agora, não passava de um porão entulhado e esquecido.

A turma de estudantes, encabeçada por jovens fervorosos atuantes em nível regional e nacional, muitos representantes da FENEA - Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e do recentemente criado COLMEA - Conselho Livre Metropolitano de Estudantes de Arquitetura, cujos nomes que lembro agora são Fernandão, Rafa Passos, Piuí, Vika, Leandro Anton, Léo Brawl, entre tantos guris e gurias, tiveram de mim um compromisso: eu falaria com Landó para ver a possibilidade do espaço do antigo Bar do IAB ser utilizado por eles e toda a turma de estudantes, para realizarem o projeto que estavam sonhando.

E assim foi. Landó se entusiasmou com a ideia de sediar o grupo que proporia o plano para o Acampamento Intercontinental da Juventude, no Parque da Harmonia, para o 2º Fórum Social Mundial. Era a primeira, de muitas, contribuições do IAB àquele importante movimento de conscientização planetária. Sou testemunha do quanto essa garotada, estudantada como gostavam de chamar os mais veteranos do IAB RS, se empenhou para que acontecesse aquilo que foi, na opinião de muitos estudiosos e pesquisadores, uma revolução cultural importantíssima acontecida nessa geração em escala mundial.

A proposta espacial e de massas do Acampamento era base para um processo de organização de todas as possibilidades de realizar na prática, ao vivo, em tempo real às alternativas abordadas no próprio Fórum Social Mundial. Um outro mundo foi possível pela realização do sonho de liberdade e paz tematizados no planeta desde a década de 60.

O acampamento no Parque da Harmonia, localizado junto à orla do Guaíba e Parque Marinha do Brasil, é concebido muito a partir da questão ambiental. Creio ser esse, desde então, um forte mote dessa nova geração em sua visão de mundo e de futuro. Frutos maravilhosos dessa odisseia! A divisão espacial do

Acampamento orientou-se em três eixos: residencial, convívio e atividades. Decisões acertadas. O sentido de participação, colaboração e compartilhamento de ideias, emoções, coisas e recursos é, na minha opinião, o cerne positivo de todo o movimento, de toda essa ação, de todo o ideal que se fundamenta no olhar consciente para a saúde do planeta.

A odisseia continua no ano 2002 rumo ao 3º Fórum Social Mundial em Porto Alegre. José Albano Volkmer é o presidente do Instituto. Evolui a organização para o próximo Acampamento Intercontinental da Juventude em janeiro de 2003, agora com o escritório de projetos dos estudantes instalado no salão do Solar do Conde de Porto Alegre. Dizendo assim, parece a glória! Porém, ainda não havia telhado no local...

O IAB RS, recentemente, havia se mudado para o anexo do solar, que era a única área que se havia conseguido concluir com os recursos disponíveis. E, com a venda da sede da Annes Dias, precisou se mudar logo. E a garotada veio junto, claro, sempre. Só quem viu e viveu aquilo sabe o que eram aqueles computadores e mesas sob lonas dentro do salão em meio ao vai-e-vem de pessoas desviando o passo das poças d'água, já acostumados com o incessante barulho das obras de recuperação do Solar. Cenas de fazer inveja a Stanley Kubrick. E sobreviveram. Sobrevivemos. Saiu um projeto.

O 3º Fórum Social Mundial e seu Acampamento da Juventude acontecem, e é marcado mais um tento na história. Graças a essa gurizada, o IAB RS deu mais uma contribuição à sociedade, fazendo valer sua tradição e luta pela liberdade do ser humano e pelo seu direito à arquitetura acessível, coerente e de qualidade, em um ambiente saudável e sustentável.

Depois da primeira experiência internacional em Mumbai (Índia, 2004), a organização retorna a Porto Alegre em 2005 e acontece Aquele Fórum Social Mundial com "a" maiúsculo e "a" de Axônios, vivos e articulados, dispostos a influenciar os rumos globais da política e de suas repercussões em amplo espectro e incidência na sociedade e no meio-ambiente. Presença fortemente marcada, daí extrapolando a fronteiras continentais reais, o acampamento vara o mundo, só retornando à capital original em 2012.

E agora, chegando em 2019, aquele guri Rafa Passos é o presidente do IAB RS. O país sofre. São minúsculas as expectativas mundiais, sociais e culturais que se pode vislumbrar. Ainda assim, a luta da entidade pelos direitos do ser humano segue firme. Pela liberdade, pelo restauro do Estado Democrático de Direito, pela urbanidade necessária a um saudável convívio com a diversidade de culturas existente no planeta, pelo direito à arquitetura.

Nesse cenário, a odisseia continua. Nossa nave está acostumada a viajar no espaço. Seus arquitetos e estudantes criam o espaço. Aqui dessa estratosfera, ainda se vê um outro mundo.

ESSA FOI FÁCIL

Por *Tiago Holzmann* - Presidente IAB RS 2012/2013 - 2014/2016

Escrevo esse texto já nas vésperas do aniversário de 71 anos do IAB RS.

Quando fui convidado a escrever achei que seria muito fácil. "Essa foi fácil", é uma frase que eu disse muitas vezes durante a minha gestão como presidente quando concluíamos tarefas e ações que, no geral, foram difíceis e complexas.

"Essa foi fácil", eu dizia, para espanto dos demais colegas envolvidos em organizar um evento, enfrentar alguma barbaridade nos meios políticos, escrever um manifesto, resolver alguma bronca administrativa ou conseguir atingir uma tarefa qualquer a priori impossível ou improvável. Logo, com a insistente repetição da frase, a incompreensão de todos virou motivo de piada. "Essa foi fácil" acabou se transformando em uma espécie de "eu já sabia" que ia dar tudo certo, ou um "se ainda não deu certo é porque ainda não acabou". Máximas que ficaram batidas, mas que foram bem entendidas e acabaram incorporados como uma espécie de brincadeira e desabafo de alívio por algum objetivo alcançado.

Entretanto, confesso que é difícil escrever sobre o IAB porque um texto exige síntese, tem um tamanho determinado, deve conter uma mensagem completa e coerente. E o IAB, e o que eu sinto por ele, não cabe em um texto e, dificilmente teria capacidade de escrever algo totalmente coerente e com linearidade. Também porque o IAB, no RS, fez 70 anos e a minha relação com ele é bem mais recente.

Mas, da minha experiência e dos meus sentimentos posso dizer algumas coisas. A principal delas pode se resumir em outra máxima que circula pelos ambientes da entidade: "tem coisas que só o IAB faz por você".

Encontrar-se um dia sentado ao lado de Lucio Costa (aliás, eu já estava sentado, ele que veio sentar ao meu lado). Ou conhecer e conversar com a Lina Bo Bardi, a melhor arquiteta do Brasil (incluindo aí os arquitetos). Assistir ao Oscar Niemeyer e disputar seus desenhos ao final da palestra. Visitar os edifícios do João Filgueiras Lima - o Lelé - com ele

mesmo fazendo de guia.

Além disso, participar das reuniões do Conselho Superior - o COSU - e conhecer e conviver com colegas de todo Brasil (o Paulo Mendes da Rocha está em todas), os melhores arquitetos e arquitetas de cada região, os mais ativos e engajados, os mais polêmicos, os mais chatos, os mais divertidos, os mais loucos, os mais talentosos... e discutir, brigar, concordar, tomar cerveja (bastante, entre outros etílicos), comer muito bem ou não comer nada durante todo o dia em uma sala sem janelas e com o ar condicionado em temperaturas glaciais em frente à praia em Maceió, porque a moção que salvaria o mundo de todos seus problemas ainda não havia sido aprovada...

Aliás, poder viajar o Brasil inteiro sabendo que sempre poderemos contar com a atenção e hospitalidade de amigos dos IABs de outros estados, algumas vezes conhecidos apenas virtualmente, e poder visitar as suas melhores obras, conhecer seus escritórios e suas cidades e culturas é algo que "só o IAB faz por você"!

O IAB também é uma escola. A melhor de todas e também a mais fácil de entrar. Não tem vestibular, não tem prova, ninguém dificultando nosso ingresso. E ainda é baratinho: menos de um real por dia... Ou seja, fácil de entrar e barato para nela se manter. Agora, sair da escola formado é praticamente impossível. É tanta matéria, tanto professor, tanta viagem de estudos, tanto conteúdo desconhecido que eu confesso já desisti de me formar. Sigo frequentando com a maior assiduidade possível, aprendendo cada dia mais, aproveitando de sua estrutura, corpo docente, colegas. Até em EaD dá para estudar no IAB, visto que tem listas de e-mail, sites e conteúdos bacanas, muitas listas de uáts (rezo todos dias para que logo inventem uma mídia menos vagabunda - saudades do fax) e muitas discussões virtuais encanzinadas.

Foi na escola do IAB que entendi que "o mundo dá voltas" e que as ideias que hoje estão "por cima" e são majoritárias, amanhã poderão estar ultrapassadas ou representar posições de minorias. Que elas, e mais ainda as pessoas, merecem ser respeitadas, pois as pessoas mudam de ideia, eu mudo de ideia, e divergir da ideia de uma pessoa sem fazer dessa pes-

soa um inimigo é uma verdadeira satisfação.

A escola do IAB é diversa, democrática, divertida, profunda. Poderia citar muitos dos "professores", mas vou fazer referência apenas ao José Albano Volkmer, por ser o principal responsável em abrir as portas para a minha geração. Com o Albano aprendemos o "mantra" da arquitetura e que, para ensinar, nossas mensagens necessitam ser repetidas infinitamente, em todos ambientes, para todos os públicos, aperfeiçoadas, complementadas, corrigidas e repetidas novamente. Ele era uma espécie de evangelizador, missionário, um professor incansável que buscava levar a todos a mensagem do Instituto e dos arquitetos por uma sociedade mais justa e mais bela.

O IAB teve, em meu caso, algumas cerimônias de iniciação. As participações em EREAs, ENEAs, ELEAs abrem a cabeça de qualquer um e ajudam a romper preconceitos, a nos posicionar no mundo e nos tirar do rincão mental de nossa aldeia. O ambiente subversivo da Nau de Arquitetos e Urbanistas - NAU, que já vai fazer 20 anos, também foi um cursinho preparatório importante que, inclusive, deu três presidentes ao IAB. Um deles fui eu, além do Iran Rosa e do Carlos Alberto Sant'Anna, do qual recebi o IAB reorganizado administrativa e financeiramente, e com o CAU aprovado!

Nos anos em que estive como presidente não me lembro de haver inventado nada, mas me orgulho que conseguimos dar sequência à projetos das gestões anteriores: reorganizar e reeditar o Prêmio IAB para trabalhos de graduação, criado pelo presidente Danilo Landó; realizar dezenas de Caravanas pelo interior do estado como fazia o presidente Albano; publicar alguns números da Revista do IAB, idealizada pelo presidente Sant'Anna; ampliar os benefícios de saúde para os associados, convênio de mais de 15 anos; abrir um pouco de espaço na mídia para a opinião dos arquitetos; realizar por 5 anos seguidos e semanalmente a quarta no IAB com muito sucesso (né Beto?!); e ajudar a consolidar o CAU, conquistado depois de décadas de dedicação e luta de muitos colegas, sob a liderança do IAB.

O arquiteto é o profissional que tem a capacidade de planejar, de antever, de projetar a realidade futura que irá

alterar o ambiente das atividades humanas. O projeto é uma ferramenta poderosa para entender, propor e construir a casa, o edifício, a praça, a cidade. O fazer arquitetura é uma ação crítica e complexa que busca, para cada problema, a melhor solução possível. O arquiteto, como regra, é um ser crítico e perfeccionista. Exerce a crítica como ferramenta de trabalho: estuda um problema, desenha uma solução, não satisfeito redesenha, reestuda, recria, altera, complementa... buscando a melhor solução, a mais perfeita para aquele problema de projeto, para resolver com a melhor qualidade espacial o ambiente humano.

A simples crítica, vazia ou destrutiva, ou a procura indefinida da perfeição, o projeto sem fim, não transforma a realidade. O que devemos buscar é transformar a realidade para melhor através da ação crítica e, principalmente, da execução das ideias e projetos. A realidade se transforma com ações concretas pautadas pelo projeto e pelo planejamento. A perfeição a ser buscada deve ser a capacidade de transformar a realidade, de encontrar a melhor solução dentro das condições que se apresentam. Transformar a realidade é a obrigação do arquiteto.

O IAB nos ajuda a transformar realidades que são impossíveis quando sozinhos em nossos escritórios, isolados e sofrendo os problemas ou reclamando das consequências. É uma escola fascinante para todos que tem interesse em ir além da banalidade e da mediocridade. Ele abre espaço para experiências, conhecimentos, parcerias, amizades, crescimento... Tem muitas coisas que só o Instituto faz por você, pela nossa profissão e pelas nossas cidades.

Essa foi fácil!!!

GESTÃO 2017/2019 - CIDADE MOVIMENTO

CONSELHO DIRETOR (Diretoria Executiva)

Presidente: Rafael Pavan dos Passos
1º vice-Presidente: Maria Tereza Fortini Albano
2º Vice-Presidente: Ednezer Rodrigues Flores
3º Vice-Presidente: Clarice Misoczky Oliveira
Diretor Administrativo: Marcelo Gribov Brinckmann
Diretor Administrativo Adjunto: Elena Santos Graeff
Diretor Financeiro: Marcelo Arioli Heck
Diretor Financeiro Adjunto: Lucas Bernardes Volpatto
Diretor Cultural: Tamaris Pivatto
Diretor Cultural Adjunto: Camila Albert
Diretor Comunicação: Paula Motta

CONSELHO FISCAL

Geraldo da Rocha Ozio
Rômulo Plentz Giralt
Tiziano Filizola

CONSELHO SUPERIOR

Titular e Suplente:
Briane Panitz Bicca - Clóvis Ilgenfritz da Silva
Carlos Alberto Sant'Ana - Emilio Merino Dominguez
Cesar Dorfman - Paulo Ricardo Bregatto
Claudio Fischer - Iran Fernando da Rosa
Ivan Mizoguchi - Salma Cafruni
Tiago Holzmann da Silva - Maria Dalila Bohrer

CONSELHO ESTADUAL*:

Alexandre Pereira Santos
Carlos Eduardo Pedone
Paulo Renato Bicca
Ortiz Adriano Adams de Campos

Andreia Bocian
Gilda Maria Franco Jobim
Fábio de Medeiros Albano
Eloise de Brito Mudo
Edmundo Borda Thomé Francisco
Claudia Fávaro

SUPLENTE DO CONSELHO ESTADUAL:

Fausto Steffen
Cristiano Lindenmeyer Kunze
Taiana Pitrez Tagliani
Flávio Maya Simões
Nara Helena Machado
Heleniza Ávila Campos
Carlos Fernando Seffrin
Gabriela da Siqueira
Alexandre Bento
Horácio Lopes de Moraes

EX-PRESIDENTES DO IAB RS:

Presidente do IAB RS, sendo suplentes os Vice-Presidentes;
Presidentes dos Núcleos, sendo suplente o Vice-Presidente
ou o Secretário do Núcleo;
Membros titulares do IAB RS no Conselho Superior - COSU do
IAB Nacional e seus suplentes na ausência destes;
01 (um) representante eleito em cada Núcleo e seu Suplente
na ausência deste;
10 (dez) Conselheiros Titulares eleitos na mesma data das
eleições gerais, e seus respectivos Suplentes na ausência
destes.

NÚCLEOS DO IAB RS PELO INTERIOR DO ESTADO

NÚCLEO CAXIAS DO SUL

Presidente: Silvia Rafaela Scapin Nunes
Secretário: Jeferson Rauber
2ª Secretária: Suane de Atayde Moschen
Tesoureiro: Rafael Ártico
Representante COES: Suane de Atayde Moschen
Conselho Consultivo: Jaqueline Viel Caberlon Pedone
Conselho Consultivo: Carlos Eduardo Mesquita Pedone
Conselho Consultivo: Max Leonardo Manuel
Conselho Consultivo: Edson Marchioro
Conselho Consultivo: Greice Viviana Portal Salvati
Conselho Consultivo: Rodrigo Salvati

NÚCLEO ERECHIM

Presidente: Silvana Girardi
Vice-presidente: Gabriela Sutili
Secretária: Taiana Puhl
Tesoureira: Sidette Guerra
Coordenador técnico administrativo e comunicação social:
Cássio Curzel
Representantes CoES: Luiz Brasil Fiori

NÚCLEO FREDERICO WESTPHALEN

Presidente: Jacson Rodrigo Freitas
Vice-Presidente: Diego Bertoletti da Rocha
Secretária: Joana Sartor Lamb
Tesoureira: Deise Flores
Representantes CoES: Gabriela Haubert Saraiva, Marcos Bas-
so Ottonelli

NÚCLEO FRONTEIRA / SANTANA DO LIVRAMENTO E RIVERA

Presidente: Maria Celeste Martinez
Vice-Presidente: Mônica Salino Moura
Conselho Consultivo: Alberto Brizolara
1º Conselheiro - Titular: Andrea Larruscaim Hamilton Ilha
2º Conselheiro- Titular: Maria Celeste F. Martinez
3º Conselheiro- Suplente: Mônica Salino Moura

NÚCLEO RIO GRANDE

Presidente: Guilherme Castro Dias
Vice-presidente: Sérgio Calheiros
Tesoureira: Rosana Senna da Silva
Secretária: Letícia Carneiro Estima
Representantes CoES: Evelise de Menezes, Suplente: Marcio
Lontra

NÚCLEO SANTA MARIA

Presidente: Lidia Glacir Gomes Rodrigues
Vice-Presidente: Annelieze de Almeida Correa
Secretária: Rosana Kaus
Representante CoEs: João Ernesto Teixeira Bohrer

NÚCLEO TORRES

Presidente: Marcelo Koch
Secretária: Giana Paola Miron Brentano
Tesoureira: Raquel Linhares
Representantes CoES: Titular: Efreu Brignol Quintana, Su-
plente: Marcelo Koch

NÚCLEO VINHEDOS DA SERRA GAÚCHA

Presidente: Márcio Arioli
Vice-presidente: Marcelo Damazzini
CoEs: Maikel Negri - Suplente Cleison Magagnin
Conselheira COMPHAC: Marilei Piana Giordani

NÚCLEO REGIÃO DAS HORTÊNSIAS

Presidente: Humberto Hickel
Tesoureiro: Fernando Weck dos Santos
Secretario: Berta Zanatta

NÚCLEO OSÓRIO

Presidente: Teisla da Cunha Klein
Secretário: Alencar Massulo de Oliveira
Tesoureira: Jaiani Dewes

NÚCLEO VALE DOS SINOS

Presidente: Karen Kussler

Secretário: Jorge Stocker Jr

Tesoureira: Carline Luana Carazzo

NÚCLEO MONTENEGRO

Presidente: Arq e Urb Fabio Cassal Costa

Vice-Presidente: Arq e Urb Odyr Dupont

1º Secretária: Arq e Urb Leticia Kauer

2º Secretário: Arq e Urb Cristiano da Silva

1º Tesoureiro: Arq e Urb Édson Luiz Vargas da Silva

2º Tesoureiro: Arq e Urb Leonardo Muller Garateguy

Assessor Geral: Arq e Urb Marcos Rodrigo de Ávila

